



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**"POR QUE ESSE LUGAR NÃO ME PERTENCE?": A PRESENÇA DO HOMEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

JUAN CARLOS DA SILVA

João Pessoa - PB

2024

JUAN CARLOS DA SILVA

**"POR QUE ESSE LUGAR NÃO ME PERTENCE?": A PRESENÇA DO HOMEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado para obtenção de grau de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele dos Santos
Ferreira Dias

João Pessoa – PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

J91p Juan Carlos da Silva.
"Por que esse lugar não me pertence?": a presença do
homem na educação infantil / Juan Carlos da Silva. -
João Pessoa, 2024.
54 f. : il.

Orientação: Daniele dos Santos Ferreira Dias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação infantil. 2. Família. 3. Docência
masculina. 4. Relações de gênero. I. Dias, Daniele dos
Santos Ferreira. II. Título.

UFPB/CE CDU 373.2(043.2)

FOLHA DE APROVAÇÃO

JUAN CARLOS DA SILVA

“POR QUE ESSE LUGAR NÃO ME PERTENCE?”: A PRESENÇA DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado para obtenção de grau de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em 11 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DANIELE DOS SANTOS FERREIRA DIAS**
Data: 29/05/2024 13:06:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Daniele dos Santos Ferreira Dias
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dra. Efigênia Maria Dias Costa Examinadora
Interna
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dra. Nádia Jane de Sousa
Examinadora Interna Universidade
Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esta seção do meu trabalho ressaltando a significativa motivação que impeliu a criação de um documento à parte para concretizar-se. Tal necessidade emergiu da minha profunda convicção quanto à importância de reconhecer e honrar todas as pessoas que, ao longo dos seis anos de minha graduação, estiveram presentes em minha trajetória acadêmica e pessoal. Este período, caracterizado pela minha jornada rumo à maturidade e autonomia, representou um marco fundamental em minha vida, no qual experimentei um constante processo de aprendizado e crescimento.

Durante este período, distante de minha família, mergulhei em um ambiente acadêmico desafiador, conciliando os estudos com minhas responsabilidades profissionais. Enfrentei diariamente a diversidade de perspectivas e experiências presentes em meu convívio, o que me proporcionou um aprendizado constante e enriquecedor. Cada interação e experiência vivenciada contribuíram para minha formação pessoal e profissional, moldando minha identidade e me preparando para os desafios futuros. Assim, este trabalho não apenas representa uma síntese de minha jornada acadêmica, mas também é uma homenagem a todas as pessoas que contribuíram para minha formação e crescimento ao longo desses anos. É uma expressão de gratidão e reconhecimento a cada indivíduo que cruzou meu caminho e deixou sua marca em minha vida.

Cada colega de classe, professor, colega de trabalho e amigo desempenhou um papel único e significativo na minha trajetória, contribuindo para que eu me tornasse a pessoa que eu sou hoje. Portanto, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos aqueles que fizeram parte dessa jornada, mesmo que de forma indireta. Cada um de vocês contribuiu de maneira especial para minha formação e desenvolvimento, e por isso, meu mais sincero agradecimento. *Obrigado, próximo.*

Em primeiro lugar, sempre, quero agradecer a Deus por todo cuidado, por estar comigo em todos os momentos da minha vida em que eu pensava estar sozinho. Eu sinto a sua presença em todos os lugares que me cercam, e eu jamais me aproveitarei dessa dádiva. Obrigado por não ter me deixado desistir, por mais que eu, desesperadamente, achei que precisava. Diversas vezes.

Mãe, a senhora é responsável por cada traço que eu carrego comigo. Em cada célula de Juan, existe Sandra Soares. Amo quando dizem que a gente se parece nas características físicas, porque somos iguais por dentro e por fora. Obrigado por me ensinar a ser uma pessoa decente, por sempre estar presente – mesmo que de longe –, por todas as orações, por toda a torcida desde o início desse sonho. Obrigado por nunca ter duvidado de mim, por todo o apoio desde o momento em que eu disse que queria sair de casa para estudar em outro estado. Não tem um dia da minha vida em que eu não pense na nossa família, mas sei que tudo isso valerá a pena no futuro.

Ao meu pai, que mesmo sem saber, me ensina tanto. Obrigado por fazer de tudo pela nossa família. A sua perseverança e positividade me ensinam diariamente a enxergar a vida de uma forma diferente. Te amo imensamente!

Às minhas crianças, com quem eu tive a felicidade de aprender tantas coisas ao longo desses últimos anos de trajetória profissional; que me ensinaram tanto e me ensinam, ainda, todos os dias. *Thomás, Olívia, Ysis, Rilaryh, Isabela, Lucas, Júlia, Enzo, Arthur, Théo, Otto, Serafim, Sophia, Ana Nilma, Lara, Liz, Josué, Ângelo, Ceci, Gustavo(s), Lucas Batista, Laís, Alice, Guilherme, entre tantos outros.* Talvez vocês nunca saibam, mas esse trabalho também foi incentivado por cada um de vocês. Obrigado por me mostrarem o amor na sua forma mais genuína existente, a pessoa e profissional que eu sou hoje foi moldado pelo amor incondicional que vocês me proporcionam. Tio Juan ama vocês e vai estar sempre torcendo pelo futuro de todos, de longe ou de perto.

Qualquer pessoa que me conheça sabe o quão importante os meus amigos são pra mim, então eu não poderia deixar de salientar explicitamente o meu amor incondicional por todos eles. Obrigado por estarem comigo nos dias bons e ruins. Esse trabalho também é inspirado por vocês.

Gabriel e Isabella, ao longo dos anos, vocês se estabeleceram como pilares inabaláveis na minha vida, constituindo os relacionamentos mais duradouros que já tive. Desde os tempos que precederam minha transição para a vida acadêmica, vocês estiveram ao meu lado, moldando e influenciando minha jornada de maneiras que eu mal podia antecipar naquela época. Testemunhamos o crescimento um do outro, além dos momentos de triunfo e desafios. É difícil expressar em palavras a gratidão que sinto por todo apoio incondicional e pela amizade genuína que vocês me proporcionaram ao longo de todos esses anos. Vocês têm sido minha âncora nos momentos turbulentos, oferecendo conforto, conselhos sábios e, acima de tudo, um

ombro amigo para contar sempre que necessário. Além disso, vocês transcenderam a definição tradicional de amizade, tornando-se verdadeiros confidentes, conselheiros e companheiros de alma. Nossa conexão vai além do convencional; somos uma família escolhida, unidos por laços de afeto e cumplicidade que ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço.

Bruno, eu poderia escrever o maior parágrafo do mundo só te agradecendo por toda a parceria ao longo da graduação. Obrigado por sempre atender o telefone quando eu mais precisei/preciso, por estar nos dias bons e ruins, por me ensinar tanto. Você é o irmão que eu gostaria de ter tido. Que bom que a vida me deu você de presente. Amo você, mesmo que não fale isso o suficiente.

Thayanne, que bom que os nossos caminhos profissionais se traçaram e eu tive a felicidade de conhecê-la além dos espaços formais. Seu coração é lindo, você é uma mãe e amiga incrível e a Flora e todos nós temos muita sorte de ter você em nossas vidas. Obrigado por todo amor, todo cuidado e toda parceria.

Bezerra, sou muito grato pela sua amizade, pelo seu cuidado, por todo amor recíproco e amizade sincera. Obrigado por ser sempre tão leve, você me ensina bastante.

Marina, Maysa e Samanta, eu tenho muita sorte de ter vocês comigo. Obrigado por todo amor e paciência. Vocês estão sempre no meu pensamento, manifestações e orações. Isso nunca vai mudar.

Aos meus *azulzinhos*, obrigado por todo apoio, por todo suporte físico e psicológico, por terem sido a minha ferramenta de autorregulação em todos os tempos difíceis que nós enfrentamos. Eu aprendi muito com vocês no último ano, pesquisar e aprender Educação Especial com vocês foi muito importante pro meu percurso acadêmico. Amo vocês infinitamente.

E, por último, mas não menos importante, quero deixar registrado o meu agradecimento à *Universidade Federal da Paraíba*, que acolheu um jovem estudante pernambucano em sua empreitada para o futuro. Sou grato por todas as oportunidades de crescimento pessoal e profissional que me foram ofertadas; tive a felicidade de aprender com tantos profissionais incríveis – e alguns nem tanto assim, mas que me ensinaram igualmente.

O meu mais profundo obrigado a professora *Emília Prestes*, que, no início da graduação, viu potencial em mim e me apresentou ao universo dos projetos de pesquisa e à importância de ser um pesquisador. Sou grato por todo ensinamento e todo cuidado.

Timothy Ireland, que me ensinou tudo que eu sei sobre Educação de Jovens e Adultos, que me deu diversas oportunidades de aprendizado e continua me ensinando tanto.

Daniele Dias, minha orientadora, obrigado por tudo e por tanto. Apesar de saber que o nosso relacionamento vai além das paredes da Universidade – pois eu sei o quanto a senhora se importa com o meu aprendizado e com o meu futuro –, não posso deixar de deixar explícito que aprender com a senhora é um privilégio que eu espero ter para sempre.

Por fim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que me atravessaram nos últimos anos. Positivamente ou negativamente, esse trabalho também é um reflexo de tudo que vocês me ensinaram.

*“It feels so good to be so young and
have this fun and be successful”*
Ariana Grande

RESUMO

O presente estudo se propõe a analisar a significativa presença masculina no exercício docente da Educação Infantil. Seu propósito primordial é desvelar e desafiar os estereótipos de gênero que historicamente permeiam este segmento educacional, ressaltando, de forma contundente, a necessidade premente da diversidade para a construção de um ambiente pedagógico verdadeiramente enriquecedor e inclusivo. As discussões em torno do tema estão apoiadas nos autores e autoras: Louro (1997), Carvalho (2011), Scott (1995) e Vianna (2002), que discutem gênero, masculinidades e Educação infantil. Para isso, optou-se como estratégia metodológica a aplicação de questionário semiestruturado, com 19 famílias do Colégio de Aplicação Básica da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa surge a partir de uma experiência na Educação infantil. Como principais resultados, a pesquisa apontou que grande parte das famílias entrevistadas revela enxergar a presença do pedagogo como algo positivo para solidificar uma educação igualitária e livre de construções sociais inadequadas.

À vista disso, este estudo não só contribui para uma compreensão mais abrangente e fundamentada do papel do homem na Educação Infantil, mas também destaca de maneira eloquente a importância vital da desconstrução dos estereótipos de gênero para o progresso efetivo da educação inclusiva e da garantia de igualdade de oportunidades para homens e mulheres, independentemente de gênero ou outras categorias sociais, que desejem atuar nesta etapa de ensino. Ao longo do presente texto, desenhos recebidos ao longo da minha trajetória na educação infantil serão destacados como forma de concluir cada capítulo.

Palavras-chave: Família. Docência Masculina. Relações de gênero. Educação infantil.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the significant presence of men in the teaching profession within Early Childhood Education. Its primary goal is to uncover and challenge the gender stereotypes that have historically permeated this educational segment, emphatically highlighting the urgent need for diversity in order to create a truly enriching and inclusive pedagogical environment. The discussions on this topic are supported by the works of authors such as Louro (1997), Carvalho (2011), Scott (1995), and Vianna (2002), who explore gender, masculinities, and Early Childhood Education. For this purpose, a semi-structured questionnaire was administered to 19 families from the Colégio de Aplicação Básica at the Federal University of Paraíba. The research emerged from an experience in Early Childhood Education. The main findings indicate that the majority of the interviewed families view the presence of male educators as a positive factor in solidifying an egalitarian education free from inappropriate social constructs. In light of this, this study not only contributes to a broader and more substantiated understanding of the role of men in Early Childhood Education but also eloquently underscores the vital importance of deconstructing gender stereotypes for the effective advancement of inclusive education and the guarantee of equal opportunities for both men and women, regardless of gender or other social categories, who wish to work in this educational stage. Throughout this text, drawings received during my journey in Early Childhood Education will be highlighted as a way to conclude each chapter.

Keywords: Family. Male Teaching. Gender relations. Early childhood education.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Desenho do Futebol

Figura 2: Carta da Chefe

Figura 3: Aniversário do Rei

Figura 4: Meus amigos

Figura 5: “O que eu acho mais legal na minha escola?”

Figura 6: Afeto

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E QUADROS

Gráfico 1: Porcentagem de docentes na EI, de acordo com o gênero

Gráfico 2 - Estado civil dos participantes da pesquisa

Gráfico 3 - Faixa etária das crianças na educação infantil

Quadro 1 - Universo da Pesquisa

Quadro 2 – Universo da pesquisa

Quadro 3 – Estado do Conhecimento

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EI - Educação infantil

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Apud - citado por, conforme, segundo

NCPI - Núcleo Ciência Pela Infância

CAp - Colégio de Aplicação

EBAS - Escola de Educação Básica

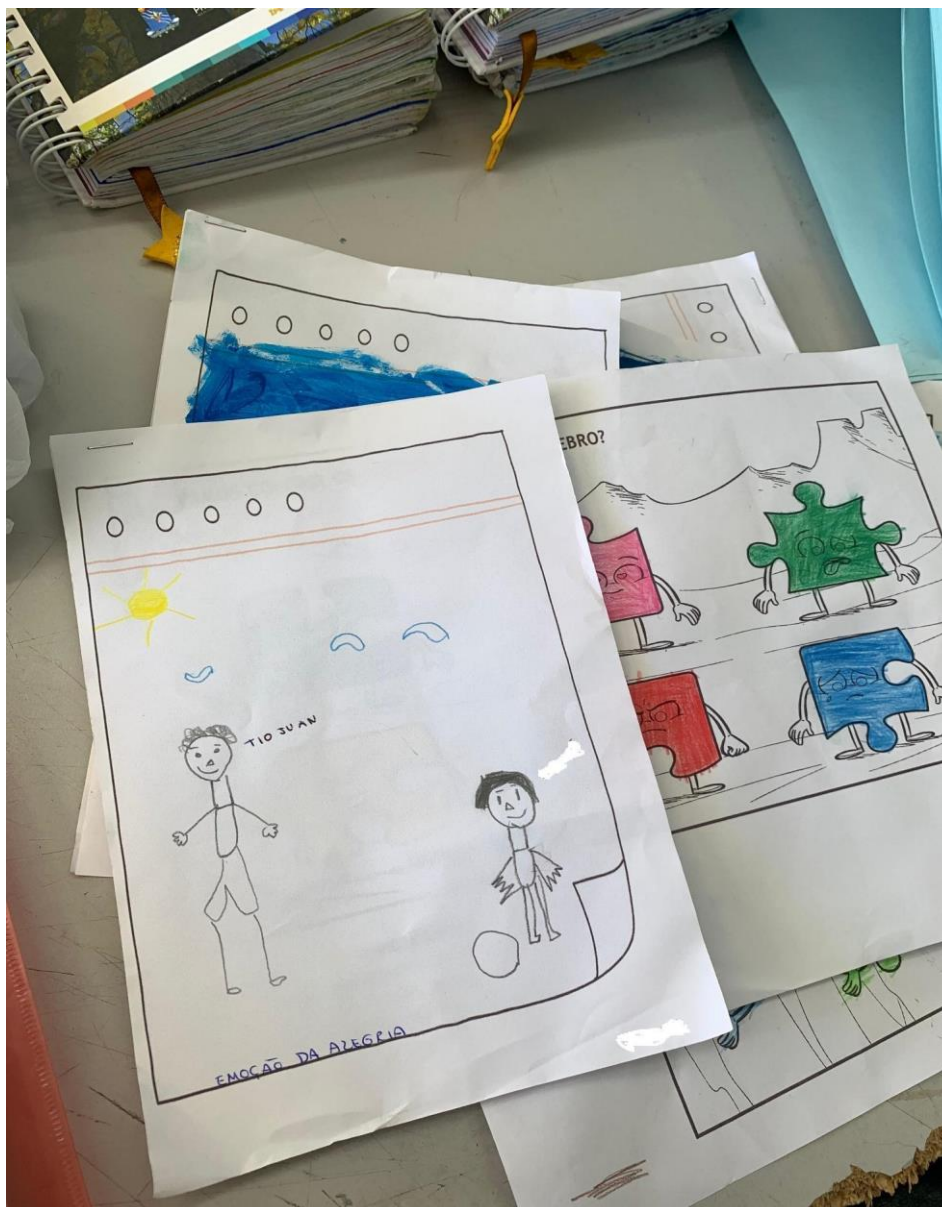
UFPB - Universidade Federal da Paraíba

PPP - Plano político pedagógico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 JUSTIFICATIVA	20
3 OBJETIVOS	25
Geral.....	25
Objetivos específicos	25
4 METODOLOGIA.....	25
4.1 Local de Pesquisa.....	26
4.2 Universo da Pesquisa	27
4.3 Coleta de dados	28
4.4 Revisão da Literatura / Estado da Arte	28
5 DOCÊNCIA MASCULINA E CONCEPÇÕES DE GÊNERO	33
5.1 O homem na educação infantil	39
5.2 Analisando a percepção das famílias: um estudo empírico	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

Figura 1 – Desenho de Futebol¹



Fonte: Arquivo pessoal

Este desenho é, para mim, um dos mais significativos que recebi ao longo da minha trajetória na educação infantil. Durante a semana em que a professora estava abordando o tema das emoções, a criança, identificada como "Futebol", representou que os momentos de brincadeira vivenciadas comigo no parque – que ocorriam rotineiramente – lhe despertavam o sentimento de alegria. Algo aparentemente simples, como o ato de jogar bola, lhe proporcionava felicidade. Este desenho continua a evocar em mim um sentimento de felicidade até os dias atuais.

¹ O nome da criança foi removido como forma de proteção de identidade da mesma. Escolhi esse desenho – que é um dos meus favoritos – para retratar o sentimento de afeto.

1 INTRODUÇÃO

Introduzir este trabalho sem contextualizá-lo em relação às influências pregressas que moldaram minha trajetória acadêmica e profissional seria uma tarefa árdua, dada a significativa influência exercida por experiências anteriores à minha formação universitária. Este imperativo reflexivo remonta à minha infância, na qual fui criado sob os cuidados de uma mãe dotada de uma formação pedagógica sólida. As reminiscências desta fase inicial da vida são permeadas pelo afeto e dedicação maternos direcionados não apenas a mim, mas também às crianças das instituições educacionais onde ela laborava, inclusive uma creche instalada no segundo pavimento de nossa residência.

Louro (1997) conversa com a ideia de que, durante um longo período, houve uma associação predominante entre a figura da professora e a imagem da solteirona, representando aquelas mulheres que não conseguiram encontrar parceiro para o casamento. Num contexto em que o casamento e a maternidade eram considerados os destinos "naturais" e desejados para todas as mulheres, aquelas que pareciam não alcançar esses objetivos eram muitas vezes direcionadas para ocupações que compartilhavam alguma semelhança com o papel materno.

Estas experiências participativas, embora eu não detivesse pleno entendimento do que implicava a profissão de pedagogo na época, foram cruciais para o desenvolvimento de uma afinidade precoce com este campo do conhecimento. Assim como muitas crianças que vislumbram seu futuro profissional, recordo-me de ter nutrido três aspirações distintas: a de ser marinheiro, influenciada pela carreira militar de meu pai; a de tornar-me psicólogo, cujos motivos subjacentes permanecem nebulosos em minha memória; e a de seguir os passos maternos e tornar-me pedagogo. Esta última escolha foi fortemente influenciada pela presença constante e inspiradora de minha mãe, cujo exemplo ressoa em minha trajetória até os dias atuais.

A decisão de ingressar no curso de Pedagogia foi impulsionada por uma conjunção de eventos pessoais que transcorreram durante o ensino médio, quando me vi incumbido do cuidado de minha sobrinha, com apenas um ano e alguns meses de idade. Este período de responsabilidade acrescida proporcionou-me uma perspectiva mais íntima e sensível das nuances envolvidas no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, consolidando minha determinação em abraçar a pedagogia como vocação e campo de atuação profissional.

Após o ingresso na graduação em Pedagogia, fui confrontado com uma realidade que até então não havia me sido tão evidente: ao adentrar o ambiente acadêmico, deparei-me com uma turma de primeiro período composta por aproximadamente 35 alunos, dos quais notavelmente 31 eram do sexo feminino, enquanto apenas 4 eram do sexo masculino. Esta disparidade de gênero foi ainda mais marcante quando, ao longo do período inicial do curso, dois dos poucos colegas do sexo masculino optaram por abandonar os estudos e migraram para outros cursos. Posteriormente, ao aprofundar meus estudos sobre evasão no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, deparei-me com dados alarmantes que corroboravam a observação inicial – aos quais não possuo acesso para explicitar os números. Morosini et al. (2011) apud Gaioso (2005) diz que a evasão é a interrupção no ciclo dos estudos, em qualquer nível de ensino.

Este fenômeno despertou questões pertinentes não apenas em relação às dinâmicas de gênero dentro do contexto universitário, mas também indagações sobre os fatores multifacetados que contribuem para a evasão escolar, especialmente no campo da Pedagogia. *“Poderia eu entrar para as estatísticas?”* Foi uma das inquietações que me recorde de ponderar durante o período da graduação em Pedagogia.

Com o objetivo de aprofundar a discussão em torno das questões relacionadas ao preconceito associado à presença masculina no exercício docente na Educação Infantil (EI), este trabalho de conclusão de curso se propõe a refletir sobre o espaço do homem na educação infantil e na sua prática docente, considerando experiências vivenciadas no campo de estágio não obrigatório e fora dele.

Nesse contexto, a principal preocupação deste estudo será a análise das dinâmicas de gênero e a construção da identidade docente masculina na Educação Infantil, conectando-se com as discussões existentes na sociedade sobre a presença masculina no ambiente educacional infantil, frequentemente vista de forma negativa.

Uma série de indagações pessoais serviu como catalisador para o interesse em explorar essa temática por meio da escrita acadêmica, incluindo questionamentos como: por que há um predomínio significativo de mulheres atuando como educadoras na EI? Por que parece haver uma escassez de oportunidades para que homens assumam posições de destaque na Educação Infantil? A falta de representatividade masculina na EI está, de alguma forma, relacionada à predominância feminina nessa profissão? Além disso, quais outros fatores podem contribuir

para a existência de preconceitos em relação aos homens que optam por trabalhar na Educação Infantil?

Ao explorar essas questões, busca-se não apenas compreender os desafios enfrentados pelos homens que escolhem seguir carreira na EI, mas também desafiar as percepções arraigadas na sociedade sobre os papéis de gênero e a natureza da profissão docente na primeira infância. Essa investigação pretende lançar luz sobre as complexidades envolvidas na construção da identidade profissional masculina na EI e fornecer insights valiosos para a promoção da diversidade e da igualdade de oportunidades no campo educacional.

Vale ressaltar que esse interesse sobre a temática, anteriormente ressaltado, surgiu um pouco antes do ingresso no estágio no Colégio de Aplicação, uma vez que a diferença entre homens e mulheres inseridos no próprio curso de Pedagogia já era explicitamente alarmante desde o início da graduação. Tendo em vista a continuidade da graduação, o padrão na quantidade de ingressos femininos e masculinos permaneceu da mesma forma, o que propiciou ainda mais a reflexão no autor. A atuação no estágio não obrigatório despertou diversas questões em relação ao sentimento dos pais e/ou responsáveis das crianças matriculadas na Escola de Educação Básica, que será explicitamente ressaltado no trabalho a seguir.

O desprovimento e, frequentemente, a ausência de homens no âmbito da Pedagogia têm instigado uma série de debates sobre os fatores que raramente os incentivam a optar por este curso. Essas reflexões revelam conjecturas e controvérsias que buscam compreender como este campo profissional se converteu em um ambiente pouco atrativo para o sexo masculino.

Quando ingressam nesse segmento acadêmico de maneira audaciosa, os homens frequentemente se deparam com suspeitas e questionamentos sobre sua habilidade de prover os cuidados e a atenção requeridos para a educação infantil. As incertezas em relação às competências pedagógicas dos discentes não se limitam ao contexto das salas de aula; pelo contrário, são exacerbadas durante os estágios educacionais, fase na qual os aspirantes a professores enfrentam novos desafios ao buscar oportunidades para vivenciar a prática docente em instituições de Educação Infantil. Em algumas ocasiões, após serem repetidamente rejeitados pelas direções escolares, os estagiários são compelidos a exercer a pedagogia nos primeiros anos do Ensino Fundamental, onde sua presença é mais tolerada em comparação com a Educação Infantil. Esta realidade suscita reflexões acerca dos estereótipos de gênero arraigados na sociedade, os quais influenciam as percepções sobre a adequação dos homens no papel de educadores na primeira infância.

Tais concepções, enraizadas em ideias preconcebidas sobre os papéis de gênero, acabam por restringir as oportunidades e a diversidade de perspectivas no âmbito da Pedagogia. É imprescindível desafiar esses estereótipos e fomentar um ambiente inclusivo que valorize e reconheça a contribuição de todos, independentemente do gênero, para a educação e o desenvolvimento infantil.

2 JUSTIFICATIVA

Desde a minha infância, pude vivenciar a diversidade de papéis desempenhados por homens e mulheres em diferentes contextos sociais. Recordo-me vividamente do impacto positivo que a presença de professores homens teve em minha jornada educacional. Suas abordagens pedagógicas, marcadas por uma sensibilidade única e uma dinâmica de ensino envolvente, despertaram em mim o interesse pelo aprendizado. Eram figuras que representavam não apenas facilitadores de construção de conhecimento, mas também modelos de referência e apoio emocional.

Entretanto, ao longo dos anos, observei uma escassez de professores do sexo masculino na educação infantil, tanto no curso de Pedagogia como nos ambientes de educação infantil que estive presente. Esta ausência suscitou em mim questionamentos sobre as razões por trás dessa discrepância de gênero e suas implicações no desenvolvimento das crianças. A partir da pesquisa do tempo, pude aperceber que alguns discursos têm alegado que a diversidade de gênero no ambiente escolar contribui para uma educação mais equitativa e enriquecedora, permitindo que as crianças tenham acesso a diferentes perspectivas e experiências. Além disso, minha identificação com a profissão docente também é um elemento central que me motiva a abordar essa temática.

Na sociedade contemporânea, a educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças (NCPI, 2014). Nesse contexto, a presença de professores do sexo masculino na docência torna-se uma questão relevante e que merece reflexão. Este texto acadêmico se propõe a discutir os motivos que me levam a escrever sobre a docência masculina na educação infantil, fundamentando-me em experiências pessoais de infância e na identificação com a profissão docente.

Ao escrever sobre a docência masculina na educação infantil, busco não apenas sensibilizar para a importância da presença masculina nesse contexto, mas também estimular

discussões e ações que promovam a equidade de gênero na educação. Reconheço que essa é uma questão complexa, permeada por preconceitos e estereótipos arraigados na sociedade, mas acredito que através do diálogo e do engajamento coletivo seja possível promover mudanças significativas. Em suma, este estudo é uma tentativa de dar voz às minhas experiências pessoais e à minha convicção na importância da diversidade de gênero na docência da educação infantil. Espero que estas reflexões possam contribuir para um debate mais amplo e inclusivo sobre o papel dos professores do sexo masculino no desenvolvimento integral das crianças.

Há muitas questões sociais com as quais nós, pedagogos, lidamos diariamente, que poderiam afirmar uma disparidade relevante na relação gênero e trabalho na educação infantil, no que se refere, por exemplo, a ofertas de emprego, especialização e preconceito. Mas, afinal, a relação de gênero é um fator realmente significativo nesses espaços ou a atuação do homem na educação infantil não acontece por outros fatores? Para Durkheim (1952), os costumes e ideias não surgem de forma isolada, mas sim em resposta às demandas da sociedade. Portanto, a educação contemporânea é influenciada pelo passado da humanidade, pois a história e os antepassados deixam suas marcas. No entanto, a identidade individual é moldada pela evolução histórica na qual se insere.

Como pedagogo, ao longo da minha trajetória profissional, não vivenciei diretamente experiências de preconceito. Minhas vivências foram solidificadas em experiências edificantes, em virtude da pronta acolhida dos genitores em relação à minha inserção na dinâmica da sala de aula, não posso dissimular a consciência de que tal deferência constitui um privilégio não universalmente compartilhado por outros colegas. No âmbito das turmas de educação infantil, desempenhei minhas funções como estagiário nos níveis II, III, IV e V.

No entanto, essa constatação não implica em um desconsiderar das possibilidades ou apreensões relacionadas à ocorrência de discriminação em algum momento. Consciente das complexidades e nuances presentes nas interações sociais, mantenho uma postura vigilante e reflexiva quanto à possibilidade de enfrentar situações de preconceito em minha prática pedagógica. É importante ressaltar que o não vivenciamento direto de preconceito não significa que tal fenômeno esteja ausente ou que não seja uma preocupação legítima.

Ao contrário, essa ausência aparente pode ser reflexo de diversos fatores, incluindo privilégios pessoais, contextos específicos de atuação e a dinâmica social do ambiente educacional. Diante dessa consciência, adoto uma postura proativa na promoção da igualdade, do respeito à diversidade e da valorização das diferenças em meu ambiente de trabalho. Investir

em uma educação inclusiva, que reconheça e celebre a pluralidade de identidades, é fundamental para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos os envolvidos no processo educativo. Portanto, mesmo sem ter enfrentado diretamente situações de preconceito, reconheço a importância de permanecer atento e engajado na luta contra qualquer forma de discriminação, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

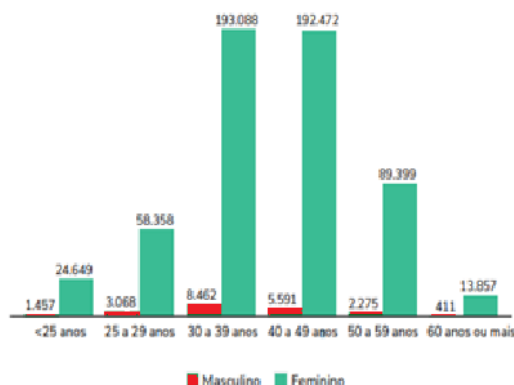
Embora não tenha experimentado nenhum tipo de discriminação ou resistência direta vinda dos pais e/ou responsáveis, uma parte de mim sempre esteve e estará mais atenta em relação a coisas comuns na interação com as crianças, como toques físicos, etc. Sinto como se qualquer atitude minha pudesse ser interpretada de uma forma que não seria se fosse com uma mulher. Assim, sim, esse preconceito enraizado dificulta a sensação de conforto no próprio espaço de interação com as crianças. Isso é apenas um reflexo de como a sociedade pode impactar as práticas pedagógicas em sala de aula.

Tradicionalmente, a configuração das relações laborais entre os sexos masculino e feminino tem sido pautada por premissas supostamente ancoradas em argumentos biológicos ou vocacionais, que reverberam o papel da mulher pedagoga como características maternas, tidos como elementos que delineiam uma estrutura social pré-estabelecida. Tais problemáticas instigaram-me a empreender reflexões, sobretudo, acerca da fenomenologia da feminização no âmbito do magistério:

A legitimidade do feminino no padrão heteronormativo, falocêntrico e compulsório é conferida a partir de referências que dependem exclusivamente da relação da mulher com o outro e dos papéis atribuídos socialmente nesta relação: esposa e mãe. Dessa maneira, as profissões adequadas para seu universo de características naturalizadas, estariam ligadas às qualidades do cuidado emocional e físico, como por exemplo, enfermeira, professora primária, cozinheira e bordadeira. Desse modo, a diferenciação binária (homem-mulher) e as atribuições essencializadas das características atribuídas aos seres humanos (masculino-feminino) ligam-se diretamente às atuações e disputas de poder. (SOARES, 2015, p. 242).

A Educação Infantil ainda é um espaço marcado predominantemente por mulheres, de acordo com os dados do último Censo da Educação Básica realizado em 2020 (BRASIL, 2020, p. 38):

Gráfico 1 - Porcentagem de docentes na Educação infantil, de acordo com o gênero



Fonte: Censo da Educação Básica (2020)

A análise dos dados relativos à discrepância de gênero no contexto da educação infantil evidencia um padrão notório de predominância feminina em todas as faixas etárias examinadas. Inicialmente, é observável que entre os profissionais com idade inferior a 25 anos, a proporção é substancialmente desigual, com 1.457 homens em contraste com 24.649 mulheres. Essa disparidade se acentua em faixas etárias subsequentes, como exemplificado pela faixa dos 30 aos 39 anos, na qual 8.462 homens são registrados em comparação com 193.088 mulheres.

Tal tendência persiste ao longo das demais faixas etárias analisadas, com a presença masculina representando uma minoria em relação às mulheres. Destaca-se, por exemplo, o contingente de profissionais com idades entre 50 e 59 anos, no qual apenas 2.275 homens são contabilizados em contraste com 89.399 mulheres. Mesmo na faixa etária mais avançada, acima de 60 anos, a discrepância de gênero mantém-se evidente, com 411 homens em comparação com 13.857 mulheres.

Essa discrepância de gênero na educação infantil suscita a consideração de complexos fatores sociais, culturais e estruturais que possivelmente influenciam tanto a escolha profissional quanto o acesso de homens e mulheres a esse segmento específico. Entre as explicações plausíveis para essa preponderância feminina, incluem-se estereótipos de gênero arraigados, expectativas sociais relacionadas aos papéis de cuidado e educação, além de desafios estruturais concernentes a salários e condições laborais.

Diante desse cenário, emerge a necessidade premente de abordar e investigar minuciosamente as causas subjacentes dessa disparidade de gênero na educação infantil, com vistas a fomentar a formulação e implementação de políticas e práticas que possam contribuir para uma maior equidade de gênero nesse importante segmento profissional.

A análise da estruturação dos papéis de gênero nas diferentes sociedades permeia as interações sociais, revelando a persistência de atitudes sexistas no contexto da educação infantil. Nesse cenário, observa-se que as atividades de cuidado e ensino ainda não são plenamente reconhecidas como elementos essenciais da identidade profissional docente, especialmente quando desempenhadas por profissionais do sexo masculino. Diante desse panorama, surge a questão: **como é possível enfrentar e transpor as barreiras impostas pelas estruturas sociais na formação da identidade profissional no contexto da educação das crianças pequenas?**

Essa ponderação evoca a necessidade premente de adotar uma abordagem crítica e reflexiva, orientada para a desconstrução dos arraigados estereótipos de gênero que permeiam a sociedade contemporânea. Tal empreendimento demanda, adicionalmente, uma revisão profunda das políticas e práticas educacionais, direcionada à promoção efetiva da equidade de gênero e ao reconhecimento das múltiplas formas de contribuição por parte dos educadores, independentemente de sua identidade de gênero. Nesse sentido, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação emerge como um componente crucial, ao proporcionar espaços de reflexão e diálogo acerca das construções sociais de gênero e dos desafios enfrentados pelos educadores, especialmente aqueles que divergem das normas tradicionais de gênero.

É imperativo que as instituições educacionais se empenhem na criação de ambientes inclusivos e acolhedores, nos quais todos os educadores se sintam não apenas reconhecidos, mas também capacitados para desempenhar plenamente suas funções, independentemente de sua identidade de gênero. Somente por meio de uma abordagem holística e comprometida com a promoção da equidade de gênero é possível almejar uma transformação efetiva no panorama educacional, garantindo o pleno desenvolvimento profissional e pessoal de todos os envolvidos no processo educativo.

Ademais, é fundamental fomentar uma educação voltada para a desconstrução de estereótipos e a promoção da igualdade de gênero desde a mais tenra idade, cultivando nas crianças uma consciência crítica em relação às normas de gênero impostas pela sociedade. Somente por meio de esforços colaborativos e uma abordagem holística da questão será possível enfrentar efetivamente as estruturas sociais que limitam a construção de uma identidade docente igualitária na educação infantil.

Louro (1997) diz que quando falamos sobre a formação das identidades de gênero e sexuais em relação umas às outras, estamos apontando para algo mais intrincado do que uma

simples dicotomia entre dois extremos. O que queremos expressar é a ideia de que as diversas expressões de sexualidade e gênero estão entrelaçadas e se influenciam mutuamente. Em outras palavras, elas são interdependentes, cada uma afetando e sendo afetada pelas outras.

Aprofundar a análise dessa controvérsia revela-se de extrema relevância, dada a significativa função desempenhada pelo homem na moldagem do desenvolvimento social e emocional da criança, incumbência esta que não deve ser unicamente associada ao papel feminino. Ademais, torna-se imperativo ponderar sobre o potencial impacto benéfico da presença masculina no âmbito da educação infantil, sobretudo no que concerne à desconstrução de estereótipos e preconceitos de gênero arraigados na estrutura sociocultural.

3 OBJETIVOS

Geral:

Analisar as relações de gênero frente a construção da identidade docente masculina na Educação Infantil e os desafios vivenciados pelos profissionais que atuam nesta etapa de ensino.

Objetivos específicos:

- Verificar a presença de pedagogos no mercado de trabalho através da lente de gênero;
- Conhecer a visão dos pais e/ou responsáveis em relação à atuação do pedagogo na educação infantil;
- Identificar os desafios e possibilidades da atuação de homens na educação infantil.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como exploratória, explicativa e de campo, pois se propõe a conhecer, identificar e investigar em *locus*. Quanto a abordagem, configura-se em uma pesquisa qualitativa, visto que os dados são descritivos e as informações, diferentemente de uma pesquisa quantitativa, não são quantificáveis (Marconi; Lakatos, 2012). Além disso, será utilizada a pesquisa bibliográfica para problematizar o processo histórico do homem na educação infantil, este procedimento é compreendido por Marconi e Lakatos (2012, p. 43) como um “levantamento de toda a bibliografia já publicada, em formas de livros, revistas, publicações

avulsas e imprensa escrita”, este tipo de pesquisa objetiva colocar o(a) pesquisador(a) diante de todo o acervo já disponível sobre o tema.

4.1 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Colégio de Aplicação (CAP. EBAS) da Universidade Federal da Paraíba, localizado em Conj. Pres. Castelo Branco III, na cidade de João Pessoa - PB. A motivação para que a pesquisa seja realizada no Cap. EBAS justifica-se em razão de se tratar do campo de atuação profissional.

O CAP EBAS/UFPB é uma instituição estadual que iniciou seu serviço à comunidade como uma creche-escola, fundada em 21 de setembro de 1988, durante o mandato do reitor Prof. José Jackson Carneiro de Carvalho. Sua construção foi financiada com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Atualmente, o Colégio de Aplicação é descrito como um espaço de ensino, pesquisa e extensão, aberto e destinado à comunidade interna e externa à UFPB, visando viabilizar atividades no campo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, em consonância com unidades e departamentos da UFPB.

A equipe gestora é composta por duas pedagogas: Cláudia Maria de Lima (Coordenação Geral) e Emília Cristina Ferreira de Barros (Coordenação Adjunta). A função primordial da unidade de ensino reside no desenvolvimento intelectual e profissional da comunidade circundante, contribuindo com ações de ensino, pesquisa e extensão para, entre outras questões, mitigar os processos de exclusão que muitas crianças de classes populares enfrentam. Dessa forma, a instituição procura promover oportunidades de acesso à escola e ao conhecimento, além de garantir a permanência de crianças e adolescentes que, em outras circunstâncias, poderiam não ter direito a uma educação de qualidade.

O Cap. EBAS é composto por uma equipe multidisciplinar, dentre os(as) profissionais que compõem a equipe estão: professoras, assistente social, psicóloga, equipe de enfermagem, educadores físicos, profissionais técnicos etc. No total, são 19 técnicos-administrativos e 20 professores.

Quadro 1 – Lócus da Pesquisa

Ambiente I - Interno	Ambiente II - Interno	Ambiente III – Interno	Ambiente IV - Externo
----------------------	-----------------------	------------------------	-----------------------

01 sala da Coordenação; 01 secretária; 01 sala de serviço social; 01 sala de professores; 01 roll de espera; 01 sala de apoio e manutenção; 03 banheiros para adultos 01 roll de espera; 01 sala de apoio e manutenção; 03 banheiros para adultos; 01 sala da coordenação pedagógica; 01 cozinha; 01 copa; 01 sala da nutrição;	01 sala de enfermaria; 01 sala de atendimento médico; 01 salas de aulas; 01 sala de brincar; 01 pátio coberto com dois ambientes; 01 área de convivência social	06 salas de aulas; 01 banheiros para crianças; 01 pátio coberto; 01 almoxarifado; 01 área para jardinagem; 01 área livre; 01 área de convivência social	01 parque com trem, brinquedos com areia; 01 área ampla com areia e brinquedos de escorrego.
--	--	---	--

Fonte: PPP do Colégio de Aplicação

4.2 Universo da Pesquisa

Os(as) participantes da pesquisa constituíram-se em 19 familiares (pais e/ou responsáveis) de crianças matriculadas no Colégio de Aplicação. O critério de escolha para os participantes foi possuir filho ou filha matriculado(a) na instituição. Ao todo, foram 19 participantes da pesquisa, responsáveis por crianças entre 3 e 7 anos e que fazem parte das turmas do Infantil III, Infantil IV e Infantil V, que são as atuais turmas ofertadas no CAp. EBAS.

Quadro 2 - Universo da Pesquisa

NOME	ESTADO CIVIL	GÊNERO
Participante 1	Casada	Mulher
Participante 2	Solteira	Mulher
Participante 3	Casado	Homem
Participante 4	Solteira	Mulher
Participante 5	Solteiro	Homem
Participante 6	Solteira	Mulher

Anônimo 1	Solteiro (a)	Mulher
Participante 7	Solteira	Mulher
Participante 8	Casada	Mulher
Participante 9	União estável	Mulher
Participante 10	Casado (a)	Mulher
Participante 11	Separada	Mulher
Anônimo 2	Casada	Mulher
Anônimo 3	Solteira	Mulher
Participante 12	Solteira	Mulher
Participante 13	Casada	Mulher
Participante 14	Casada	Mulher
Participante 15	Casada	Mulher
Participante 16	Solteira	Mulher

Fonte: Dados da pesquisa

4.3 Coleta de dados

Para a elaboração desse trabalho, foi realizada a aplicação de um questionário misto, que teve como respondentes 19 pais e/ou responsáveis de crianças do Colégio de Aplicação da UFPB. O questionário, de acordo com Marconi e Lakatos (2012, p. 111) é “constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. O

O questionário foi composto por uma única questão geradora: **“Como você enxerga a presença de homens como pedagogos na educação infantil?”**. A indagação tem como objetivo fomentar a reflexão e escrita dos(as) participantes, apontando aspectos da visão dos pais e/ou responsáveis acerca da presença de um pedagogo na educação infantil. Após a coleta, foi realizada uma análise qualitativa dos dados obtidos.

4.4 Revisão da Literatura / Estado da Arte

A seleção dos autores foi realizada com base na relevância de abordar questões relacionadas ao gênero tanto no contexto da docência quanto em outros âmbitos, sendo esta decisão tomada de forma conjunta entre o estudante e a orientadora da pesquisa. Sob o

pressuposto da necessidade de abordar a temática gênero na docência, trabalharemos com os autores Louro (1997), Carvalho (2011), Scott (1995) e Vianna (2002), que analisam a temática de forma clara, destacando apontamentos relevantes para a atual pesquisa.

Ao analisar as questões centrais que permeiam as dinâmicas familiares contemporâneas, um questionamento de relevância considerável emerge: *quem está advogando pela presença do homem na esfera da educação infantil?* Essa indagação suscita reflexões profundas sobre os papéis de gênero dentro das estruturas familiares e seu impacto na formação e desenvolvimento das crianças. A discussão sobre a importância da presença masculina no ambiente educacional infantil não apenas desafia estereótipos tradicionais de gênero, mas também destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada no que diz respeito ao cuidado e à educação das crianças em idade precoce.

O levantamento das pesquisas foi realizado nos seguintes portais eletrônicos: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com uso das palavras-chave: Docência masculina na educação infantil. O recorte temporal consistiu no ano de 2018 a 2024, que corresponde ao período de formação inicial do pesquisador deste estudo.

Quadro 3 - Estado do Conhecimento

ANO	TÍTULO	AUTOR(A)	LOCAL
2019	Redesenhando estereótipos: concepções e práticas de docentes homens na educação infantil	Livia Machado Oliveira	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
2019	Marcas da docência masculina na educação infantil: experiência, identidade e cotidiano	Adriana Cristina de Oliveira	Universidade Federal de Lavras
2020	Docência Masculina na Educação Infantil: Concepções de Gestores e de Gestoras Escolares	Iristeu Gomes Barboza	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
2023	Gênero e Educação: O que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de Educação Infantil	Leonardo Felipe Duarte	Universidade Cidade de São Paulo
2020	PROFESSORA SIM. PROFESSOR TAMBÉM. TIO JAMAIS: um estudo sobre masculinidades e docência no contexto da educação infantil na região Agreste de Pernambuco	Marciano Antonio da Silva	Universidade Federal de Pernambuco
2022	Masculinidades em salas de aula da Educação Infantil da rede municipal de Educação de Niterói	Marcia de Oliveira Romão	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
2021	Gênero e docência na educação infantil: a produção de masculinidades docentes em	Diego Paiva Bahls	Universidade Federal do Paraná

	discursos jurídicos e midiáticos em tempos ultraconservadores		
2021	A Docência Masculina na Educação Infantil em Manaus: Representações de Pais, Mães e Professores	Joao Raimundo dos Santos Silva Junior	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2022	Desconstruindo a Pedagogia da Virilidade: Conver(ções) de Masculinidades de Professores Homens na Educação Infantil	Carlos Eduardo de Mello Lopes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
2022	A Escassez da Docência Masculina na Educação Infantil: Um Olhar Sobre a Realidade da Rede Municipal de Educação de Paranaíba-PR	Junior Neto Santana	Universidade Estadual do Paraná - Reitoria
2019	A profissionalização do Docente Masculino da Educação Infantil	Gabriel Hengstemberg Bonifacio	Universidade Federal de São Carlos
2018	Narrativas de mim, dos gêneros e da ciência na docência da educação infantil	Sousa, Amaury Lucatti	Universidade Federal de Uberlândia
2019	A profissionalização do docente masculino da Educação Infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos	Bonifácio, Gabriel Hengstemberg	Universidade Federal de São Carlos

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Analisando cuidadosamente as pesquisas sobre a docência masculina na educação infantil, torna-se evidente que uma série de temas fundamentais emerge como pontos de convergência. Entre esses temas, destacam-se o preconceito, a escassez de profissionais qualificados e a promoção da diversidade.

O preconceito, em suas diversas formas e manifestações, continua a ser um desafio significativo no contexto educacional. Os estudos revelam a persistência de estereótipos arraigados que afetam profundamente a interação entre educadores, crianças e suas famílias. A discriminação com base em características como gênero, raça, etnia, orientação sexual e condição socioeconômica tem um impacto direto na qualidade da experiência educacional das crianças. A análise dessas pesquisas não só identifica a presença do preconceito, mas também destaca a necessidade urgente de implementar políticas e práticas que promovam a equidade e a inclusão em todos os níveis da educação infantil.

Outra questão comum que emerge das pesquisas é a escassez de profissionais qualificados na educação infantil. A falta de reconhecimento e apoio adequados a essa etapa crucial da educação muitas vezes resulta na inadequação de recursos humanos e materiais,

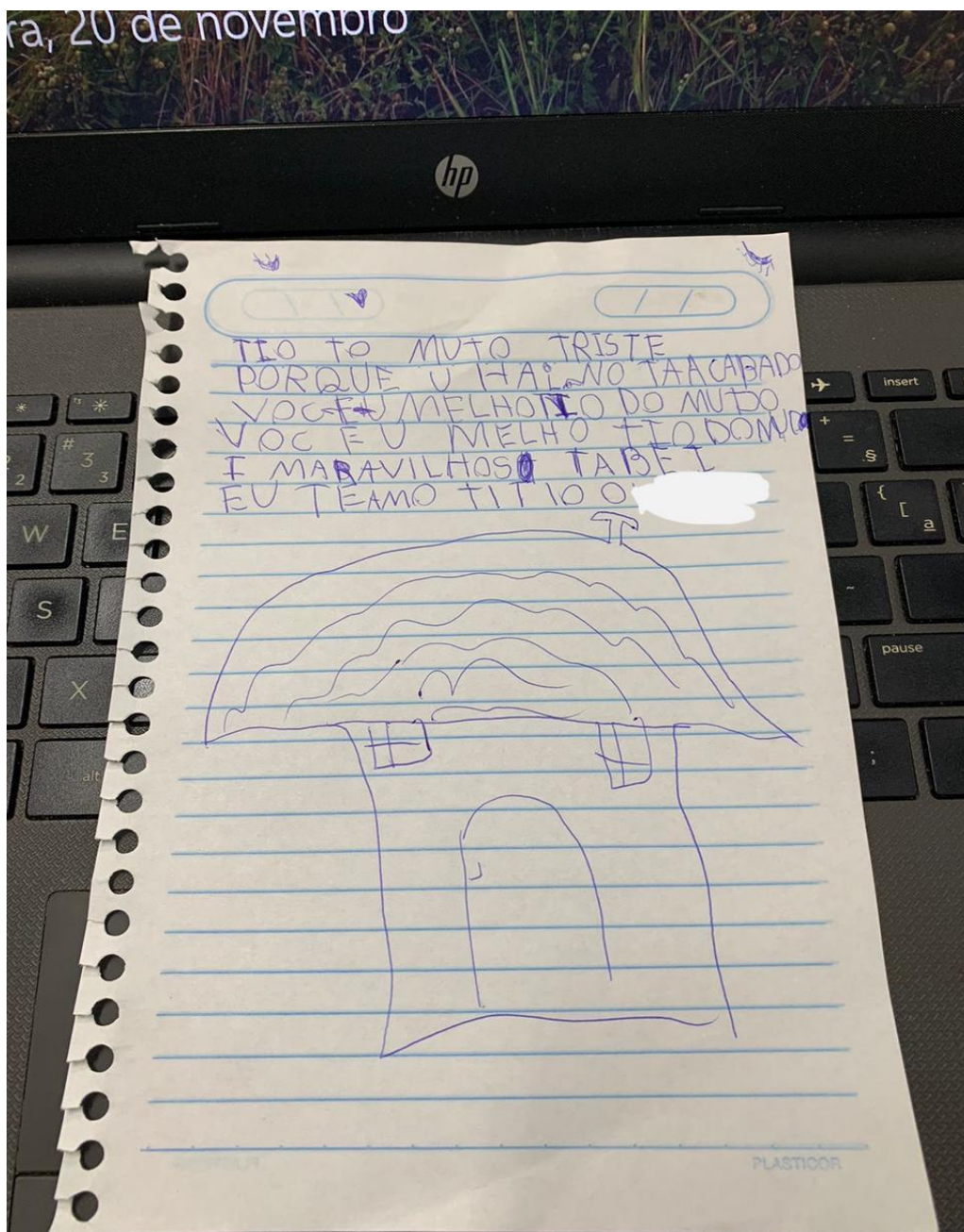
comprometendo a qualidade dos serviços oferecidos às crianças. A análise dessas pesquisas destaca a importância de investimentos significativos em formação profissional, remuneração justa e condições de trabalho favoráveis para atrair e reter educadores talentosos e comprometidos. Por fim, a promoção da diversidade emergiu como um tema central nas pesquisas recentes sobre educação infantil. Reconhecer e celebrar a diversidade de identidades culturais, linguísticas, religiosas, étnicas e de gênero enriquece o ambiente educacional, promovendo a compreensão mútua, a empatia e o respeito.

As pesquisas destacam a necessidade de currículos sensíveis à diversidade, que reconheçam e valorizem as experiências únicas de cada criança, preparando-as para viver em sociedades cada vez mais plurais e interconectadas. Em suma, a análise das pesquisas revela a interconexão entre questões como preconceito, escassez de profissionais qualificados e promoção da diversidade na educação infantil. Esses temas não apenas refletem desafios significativos enfrentados pelos sistemas educacionais em todo o mundo, mas também apontam para oportunidades de transformação e melhoria para garantir uma educação infantil mais equitativa, inclusiva e enriquecedora para todas as crianças.

Após uma análise minuciosa das plataformas, foi constatado que apenas 13 trabalhos foram encontrados nesse recorte temporal. Este número limitado de documentos disponíveis reflete a possibilidade de um escopo restrito de produção acadêmica dentro do período estabelecido ou indica uma seleção mais criteriosa por parte dos sites em relação aos critérios de pesquisa adotados. Essa constatação ressalta a importância de ampliar as fontes de pesquisa e explorar outras bases de dados para garantir uma cobertura abrangente e representativa do conhecimento disponível sobre o tema durante o período de estudo da graduação. A falta significativa de trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre essa temática evidencia uma lacuna na área, sugerindo a ausência de discussões substanciais e aprofundadas. Tal cenário ressalta a necessidade premente de direcionar uma atenção mais ampla e focada para essa questão, buscando aumentar sua visibilidade e estimular o debate acadêmico em torno dela.

Figura 2 – Desenho da Chefe²

² O nome da criança foi removido como forma de proteção de identidade da mesma. A chefe, como apelidada neste trabalho, escreveu, espontaneamente, que estava triste sobre o ano estar acabando, porque significava que ficaríamos um tempo sem se ver. “Você é o melhor tio do mundo”, “eu te amo, titio”, “você é o melhor do mundo” são expressões utilizadas por ela, que escreveu a cartinha sem auxílio algum.



Fonte: Arquivo pessoal

No final do ano escolar, fui surpreendido por um desenho espontâneo de uma das crianças, que escreveu, sem auxílio de um adulto, estar triste com a proximidade do encerramento do ano letivo, devido à iminente interrupção de nossos encontros diários.

Sayão (2005), em "*Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em Creche*", analisou a trajetória profissional e o cotidiano de homens atuantes em creches públicas, utilizando como categoria central as relações de gênero. Uma das principais contribuições deste estudo é a análise das trajetórias de homens que se tornam professores de Educação Infantil a partir de uma perspectiva relacional, destacando as

masculinidades e feminilidades como elementos significativos para o trabalho docente, concebendo-os como interdependentes e constitutivos das relações sociais. Compreender como os homens se constituem como professores de Educação Infantil implica confrontar as relações que envolvem as dimensões de cuidado, tradicionalmente naturalizadas como funções femininas, e que conformam uma espécie de cultura institucional. Segundo a autora, historicamente, a associação da mulher com o ato materno é uma das principais causas para a perpetuação do alto índice de mulheres na educação infantil.

5 DOCÊNCIA MASCULINA E CONCEPÇÕES DE GÊNERO

A história da educação infantil no Brasil reflete as transformações sociais, políticas e culturais vivenciadas pelo país ao longo dos séculos. Inicialmente, durante o período colonial, a educação das crianças pequenas era uma responsabilidade quase exclusiva das famílias, com mínima intervenção estatal ou de instituições formais. Este cenário começou a se modificar a partir do século XIX, com a chegada de educadores e missionários europeus que introduziram novas ideias pedagógicas.

No final do século XIX e início do século XX, educadores como Anísio Teixeira e Lourenço Filho começaram a defender a importância da educação infantil como base para o desenvolvimento integral da criança. Inspirados por teorias educacionais progressistas de pensadores como Maria Montessori e Friedrich Froebel, esses educadores brasileiros promoveram a criação de escolas maternas e jardins de infância. Tais instituições buscavam oferecer um ambiente educativo propício ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, utilizando métodos lúdicos e interativos.

Nas décadas subsequentes, especialmente após a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu a educação infantil como um direito da criança e um dever do Estado, houve um aumento significativo no número de creches e pré-escolas em todo o país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 reforçou essa diretriz, estabelecendo a educação infantil como a primeira etapa da educação básica e enfatizando a importância de profissionais qualificados para atuar nessa área. Historicamente, a educação infantil no Brasil, assim como em muitos outros países, tem sido um campo predominantemente feminino.

Entretanto, a crescente presença de homens pedagogos na educação infantil tem se mostrado crucial para o desenvolvimento pleno das crianças. A diversidade de gênero entre os educadores proporciona às crianças uma variedade de modelos comportamentais e sociais, oferecendo uma visão mais equilibrada e inclusiva das relações de gênero desde os primeiros anos de vida. Homens pedagogos desempenham um papel essencial ao trazerem novas perspectivas e abordagens pedagógicas que complementam as práticas tradicionais. Eles contribuem para a criação de um ambiente educacional mais rico e diversificado, capaz de atender às variadas necessidades emocionais, cognitivas e sociais das crianças.

A presença masculina no ambiente educativo também contribui para a desconstrução de estereótipos de gênero, demonstrando que o cuidado e a educação não são responsabilidades exclusivas das mulheres, mas um compromisso compartilhado por todos. Ademais, os homens pedagogos podem servir como figuras de referência positiva para muitas crianças, especialmente aquelas que podem não ter modelos masculinos presentes em suas vidas pessoais. Ao exemplificar qualidades como empatia, paciência e gentileza, esses educadores ajudam a moldar percepções e atitudes mais inclusivas e igualitárias entre as crianças. A inclusão de homens na educação infantil é, portanto, um passo importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela permite que as crianças cresçam em um ambiente onde a diversidade é valorizada e onde todos têm a oportunidade de desenvolver plenamente suas capacidades e potencialidades.

Ao promover a participação de homens na pedagogia infantil, estamos avançando em direção a uma educação mais completa e inclusiva, que prepara as futuras gerações para um mundo mais equilibrado e harmonioso. Em conclusão, a história da educação infantil no Brasil evidencia que a inclusão de homens na pedagogia é fundamental para o desenvolvimento pleno das crianças. Ao oferecer uma variedade de modelos comportamentais e sociais, os homens pedagogos enriquecem o ambiente educativo, promovem a igualdade de gênero e contribuem para a construção de uma sociedade mais justa. A valorização da diversidade de gênero na educação infantil é essencial para preparar as crianças para um futuro onde todos possam contribuir de maneira igualitária e significativa para o bem-estar comum.

Partindo desse pensamento, Louro (1997, p. 23), deixa claro que: “[...] concepções de Gênero diferem não apenas entre sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”. Ou seja, cada momento da nossa história é demarcado por um tipo concepção de educação específica, bem como questões impostas sobre gênero.

O artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conceitua a educação infantil como a "primeira etapa da educação básica, [que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade" (BRASIL, 1996).

Durante o século XX, a profissão de professorado foi predominantemente ocupada por mulheres, especialmente no âmbito da Educação Básica, que engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Esse fenômeno tem suas raízes históricas bem definidas. A presença feminina no magistério remonta ao século XIX, onde era visível em instituições como as escolas domésticas ou improvisadas - algumas independentes do Estado e outras com professores já reconhecidos como servidores públicos. Com o estabelecimento das escolas seriadas após a era da República e a gradual expansão do sistema público de ensino, essa tendência se consolidou.

Vianna (2002) problematiza questões interligadas ao gênero e o preconceito enraizado quanto ao papel da mulher na sociedade, especialmente no âmbito da educação, alertando que, a primeira consequência aponta que o sexo dos docentes está ligado à perpetuação de preconceitos que mantêm práticas sexistas. O processo de feminização do magistério está associado às péssimas condições de trabalho, à queda salarial e à estratificação sexual na carreira docente, além de contribuir para a reprodução de estereótipos pela escola. Para a autora, mesmo com a feminização da docência, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos. É a partir do reforço de certos estigmas que surgem diversos estereótipos sobre homens e mulheres: para os homens, agressividade, militarismo e racionalidade; para as mulheres, docilidade, relacionalidade e afetividade. Como resultado, atividades como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado são mais associadas às mulheres e, conseqüentemente, são desvalorizadas na sociedade em comparação com as funções consideradas masculinas.

A reflexão sobre questões de gênero representa uma área de grande relevância no âmbito da pesquisa educacional, dada a intrincada rede de complexidades e controvérsias associadas à presença masculina na educação infantil. Esta esfera profissional encontra-se intrinsecamente entrelaçada com as práticas de cuidado e formação das crianças, aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento integral. Conforme enfatizado por Sayão (2005), tal contexto revela a presença de preconceitos enraizados e estigmas subjacentes, especialmente em decorrência da percepção estabelecida de que a profissão de educador infantil é predominantemente feminina,

em virtude de sua histórica associação com a prestação de cuidados corporais a meninos e meninas.

A tradição secular de cuidado, ao longo dos tempos, tem sido amplamente atribuída ao domínio feminino, contribuindo para a consolidação da ideia de que a presença masculina envolvida nos cuidados físicos e emocionais de crianças em tenra idade pode suscitar uma série de conflitos, incertezas e questionamentos. Tal percepção, por sua vez, tende a exacerbar estigmas e preconceitos enraizados na sociedade, dificultando a aceitação plena e a integração dos homens no campo da educação infantil. Vianna reforça que o caráter dessas concepções de gênero é eminentemente cultural, enfatizando sua utilidade na análise da constituição dos significados e das relações de poder socialmente estabelecidas. Para ela, o conhecimento produzido sobre as diferenças sexuais e corporais, assim como sobre o papel das mulheres na divisão sexual do trabalho, é caracterizado por sua variabilidade e natureza política.

A análise dessas dinâmicas evidencia a necessidade premente de se problematizar e desconstruir os estereótipos de gênero que permeiam a educação infantil, bem como de promover a equidade de oportunidades e o reconhecimento da diversidade de habilidades e competências entre os profissionais da área.

Dessa forma, é essencial que a pesquisa educacional se dedique à investigação aprofundada das percepções, atitudes e práticas relacionadas à presença masculina na educação infantil, visando não apenas compreender os desafios enfrentados, mas também identificar estratégias eficazes para a promoção da inclusão e valorização dos educadores masculinos neste contexto crucial de desenvolvimento humano.

Há a necessidade de pensar na atuação do homem na pedagogia e os desafios enfrentados pelos mesmos no exercício dessa profissão, especialmente na educação infantil, pois, é evidente a inquietude das próprias entidades educacionais quanto a presença de homens pedagogos ou auxiliares nas atividades educativas, mesmo que em pequeno número. É possível elencar tais argumentos com a análise, por exemplo, do Projeto de Lei nº 1.174, de 2019, pelo qual Janaina Paschoal, Leticia Aguiar e Valeria Bolsonaro, todas do Partido Social Liberal (PSL), "propõe a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na educação infantil", proposta esta justificada pela alegação de que "em virtude de os abusos praticados por homens terem efeitos mais danosos, em regra, os registros de estupros de vulneráveis mostram autores do sexo masculino" (SÃO PAULO, 2019).

Para Oliveira (2003, p. 87):

A presença de homens atuando na docência infantil ainda nos dias de hoje para a faixa de 0 a 6 anos na educação infantil se apresenta como minoria, o que causa estranheza não só na escola, mas também na família, (sic) os mesmos sentem na pele ainda, diversas situações no curso de sua prática docente que os levam a questões como preconceito, desmotivação e desvalorização do trabalho.

É imperativo ressaltar que, no âmbito dos concursos públicos, não se observa qualquer viés de gênero em relação à distribuição das vagas disponibilizadas, evidenciando um compromisso institucional com a equidade de oportunidades. Em outras palavras, a ausência de homens na educação infantil não pode ser atribuída à falta de oportunidades igualitárias de ingresso nesse campo profissional.

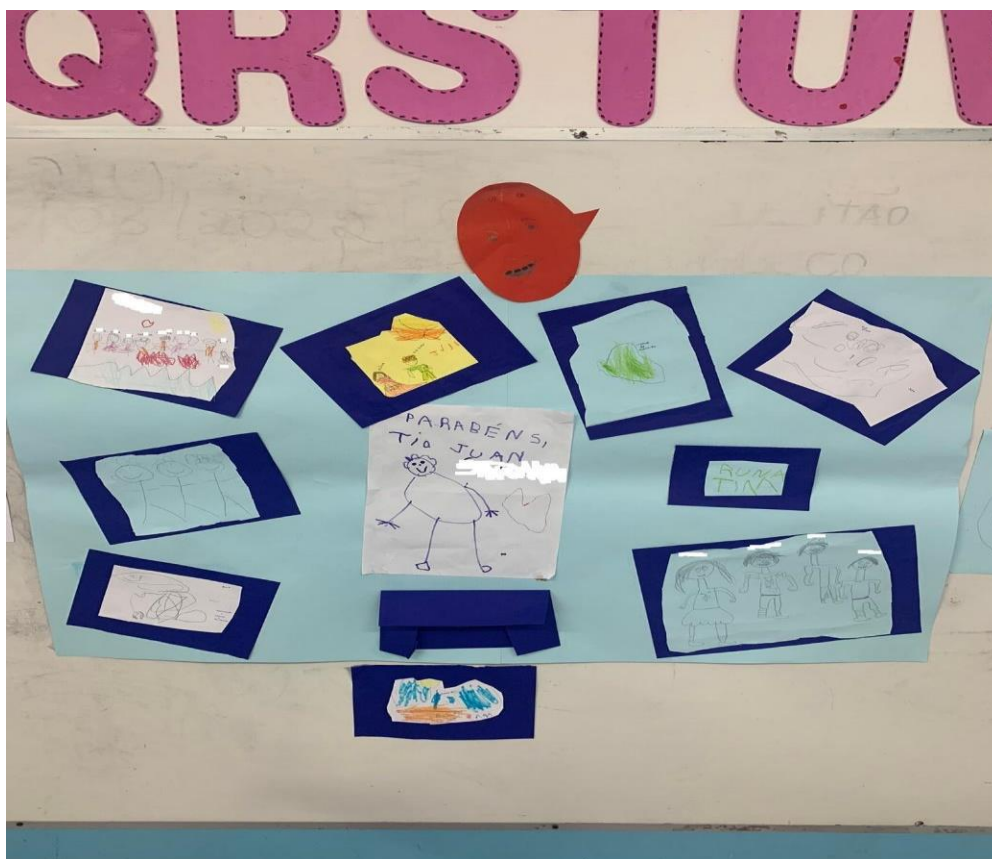
Esta equidade na oferta de vagas é um princípio fundamental, alinhado com os preceitos de justiça e igualdade de gênero estabelecidos em legislações e diretrizes educacionais. Por conseguinte, a baixa representatividade masculina na educação infantil não pode ser simplesmente justificada pela ausência de oportunidades igualitárias no ingresso à carreira, uma vez que os concursos públicos não discriminam com base no gênero dos candidatos. Tal constatação sugere a existência de fatores mais complexos e multifacetados que influenciam a presença masculina nesse campo específico, demandando uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e institucionais que permeiam a educação infantil. Ao analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCNEi), encontramos as seguintes qualificações adequadas para o exercício da docência na educação infantil:

- I – sólida formação teórica nos conteúdos específicos a serem ensinados na Educação Básica, bem como nos conteúdos especificamente pedagógicos;
- II – ampla formação cultural;
- III – atividade docente como foco formativo;
- IV – contato com realidade escolar desde o início até o final do curso, integrando a teoria à prática pedagógica;
- V – pesquisa como princípio formativo;
- VI – domínio das novas tecnologias de comunicação e da informação e capacidade para integrá-las à prática do magistério;
- VII – análise dos temas atuais da sociedade, da cultura e da economia;
- VIII – inclusão das questões de gênero e da etnia nos programas de formação;
- IX – trabalho coletivo interdisciplinar;
- X – vivência, durante o curso, de formas de gestão democrática do ensino;
- XI – desenvolvimento do compromisso social e político do magistério;

XII – conhecimento e aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos níveis e modalidades da Educação Básica. (BRASIL, 2013).

Sendo assim, pode-se observar a ausência de qualquer especificação de gênero nas atribuições delineadas, o que amplifica ainda mais a pertinência do tema abordado pela pesquisa. Este aspecto ressalta a importância de investigar e discutir questões relacionadas à identidade de gênero e sua influência em diversos contextos sociais.

Figura 3 – Aniversário do Rei³



Fonte: arquivo pessoal

No dia do meu aniversário, as crianças se reuniram para elaborar uma festa de aniversário, onde elas escreveram bilhetes – com mediação da professora regente da turma – e, sozinhas, construíram toda a decoração.

³ Os nomes das crianças foram removidos como forma de proteção de identidade das mesmas. As crianças fizeram uma surpresa denominada “Aniversário do Rei”, onde elas montaram uma festa de aniversário para o tio Juan, com desenhos e cartas escritas por ele mesmo. A experiência aconteceu no Infantil V e foi mediada pela professora regente da turma, sugerido pelas crianças.

5.1 O homem na educação infantil

A educação infantil é um campo onde muitos estereótipos de gênero ainda persistem, influenciando as expectativas e reações dos pais e cuidadores. Esta reflexão acadêmica não poderia deixar de explorar experiências pessoais que evidenciam a desconstrução desses estereótipos e a importância da diversidade de gênero no ambiente escolar.

A experiência de atuar como estagiário em salas de aula de educação infantil proporcionou-me uma visão perspicaz sobre as percepções de gênero presentes na sociedade contemporânea, das quais gostaria de relatar ao longo do trabalho. Me recordo especialmente de ser abordado pela mãe de uma das crianças que auxiliei, onde ela aproveitou a conversa para compartilhar suas impressões iniciais sobre minha presença como estagiário homem na sala de aula de sua filha, seguida pela sua observação do impacto positivo que essa dinâmica teve no desenvolvimento da mesma. Recordo-me nitidamente do momento em que ela expressou seu espanto ao descobrir que um homem estaria atuando como estagiário na sala de aula de sua filha, alegando que ponderou conversar com a gestão para perguntar a respeito da escolha. Suas preocupações eram compreensíveis, uma vez que ainda persistem estereótipos de gênero que associam principalmente as mulheres ao cuidado e à educação das crianças pequenas. Nas semanas seguintes, no entanto, essa mãe notou algo interessante: sua filha não parava de falar sobre o "tio Juan", como ela me chamava.

Ela descrevia com entusiasmo as atividades que realizávamos juntos, as histórias que eu contava e como eu a ajudava nas suas tarefas escolares. A mãe percebeu que, apesar de suas próprias apreensões iniciais, sua filha estava não apenas se adaptando bem à minha presença na sala de aula, mas também se beneficiando dela. Essa experiência pessoal me levou a refletir sobre a importância de desafiar os estereótipos de gênero na educação infantil.

A disponibilização de uma ampla gama de modelos identitários para as crianças desempenha um papel fundamental no processo de formação de suas percepções sobre as múltiplas facetas da identidade de gênero. Esta abordagem, ao introduzir uma variedade de representações de gênero, contribui para a desconstrução de estereótipos e para o desenvolvimento de uma compreensão mais complexa e inclusiva das diversas expressões de identidade. Ao internalizar a diversidade de gênero desde uma idade precoce, as crianças tendem a cultivar atitudes mais tolerantes e acolhedoras em relação à diversidade, fortalecendo assim os pilares de uma sociedade mais equitativa e justa, além de abrir porta para que outros educadores se sintam confortáveis em assumir uma sala de aula de educação infantil.

A presença de um estagiário homem na sala de aula não apenas desafia os estereótipos de que apenas mulheres podem desempenhar papéis de cuidado e educação, mas também mostra às crianças que homens podem ser igualmente compassivos, atenciosos e envolvidos no processo educacional. Em suma, a experiência compartilhada pela mãe sobre sua filha e minha presença na sala de aula ilustra como a exposição a diferentes modelos de gênero desde a infância pode promover uma visão mais inclusiva e equitativa da sociedade. Como educadores, é nosso dever desafiar e desconstruir esses estereótipos, criando ambientes educacionais que valorizem e celebrem a diversidade de experiências e identidades de gênero.

A participação masculina na educação infantil tem sido historicamente limitada, suscitando questionamentos sobre os fatores que podem influenciar essa discrepância de gênero. Surge, então, a relevante indagação: será que o preconceito arraigado na sociedade pode impedir os homens de se interessarem por trabalhar na educação infantil?

De acordo com Louro (1997), a dinâmica das instituições escolares e acadêmicas está atualmente sujeita a uma significativa transformação, em linha com a natureza evolutiva das instituições sociais em geral, influenciadas por sua historicidade. Este fenômeno é evidenciado pela crescente presença de meninas e mulheres nas instâncias educacionais, muitas vezes superando numericamente os seus pares masculinos, bem como pela maior visibilidade e aceitação midiática dos sujeitos identificados como homossexuais e bissexuais. Esses desenvolvimentos desafiam e superam barreiras sociais preexistentes, transcendendo limitações temporais e espaciais, e engendrando interações entre uma multiplicidade de agentes, conhecimentos, modos de vida, comportamentos e valores, anteriormente concebidos como improváveis.

Para o autor, conseqüentemente, todas as instituições sociais estão, inevitavelmente, sujeitas a serem impactadas por essas transformações, resultando em modificações substanciais em suas respectivas condições de existência. Ademais, as mudanças nas condições sociais podem, em alguns casos, expor a inviabilidade de uma instituição específica, sinalizando que sua existência já não se coaduna com os paradigmas sociais emergentes.

O preconceito de gênero é uma realidade persistente em muitas sociedades, caracterizada por estereótipos profundamente enraizados que atribuem certas profissões e papéis sociais de forma desigual entre homens e mulheres. No contexto da educação infantil, essa disparidade é particularmente evidente, com a profissão de educador infantil frequentemente associada predominantemente ao feminino.

Diversos estudos destacaram as barreiras enfrentadas pelos homens que desejam trabalhar na educação infantil, de acordo com dados da Unesco referentes ao ano de 2008, na maioria dos países, entre os graduados na área de educação, a porcentagem de mulheres supera 70% (UIS, 2010), além de impedimentos que estão enraizadas no preconceito de gênero. Entre essas barreiras, incluem-se a percepção de que a presença masculina pode ser inadequada ou até mesmo suspeita em ambientes que envolvem o cuidado e a educação de crianças pequenas.

Além disso, *o medo de serem alvo de suspeitas de comportamento inapropriado* ou de serem vistos como não tão competentes quanto suas colegas femininas podem desencorajar os homens de considerarem uma carreira na educação infantil. A falta de representação masculina na educação infantil não apenas perpetua estereótipos de gênero, mas também priva as crianças de modelos diversos de identificação. A ausência de figuras masculinas na vida escolar das crianças pode reforçar a noção de que certas profissões são exclusivamente destinadas a um determinado gênero, limitando suas perspectivas e oportunidades futuras.

O preconceito de gênero continua a ser um obstáculo significativo para a participação dos homens na educação infantil. Abordar esse preconceito requer não apenas a desconstrução de estereótipos arraigados, mas também a promoção de uma cultura mais inclusiva e diversificada, que reconheça e valorize as contribuições de todos os gêneros no cuidado e na educação das crianças. Somente assim poderemos verdadeiramente garantir uma educação infantil mais equitativa e enriquecedora para todas as crianças.

Me recordo de ter sido abordado algumas vezes, com questionamentos quanto à minha escolha de carreira como professor, algo que evocou reflexões profundas sobre as percepções sociais e as expectativas culturais em relação às profissões. Ao longo do tempo, fui frequentemente confrontado com indagações como "Você realmente quer ser professor? Nunca considerou ser advogado ou médico?" e "Você gosta de ser professor? Era isso que você queria?". Essas perguntas, embora simples em sua formulação, carregam consigo uma carga significativa de pressuposições sobre o valor e a adequação da profissão docente. Elas refletem uma tendência comum na sociedade de associar sucesso e realização profissional a certas carreiras consideradas mais prestigiosas ou financeiramente gratificantes, como advocacia ou medicina, enquanto desvalorizam ou questionam outras áreas, como a educação.

Para mim, esses questionamentos serviram como catalisadores para uma profunda reflexão sobre minhas próprias motivações e aspirações profissionais. Em meio a essas interrogações, mergulhei em uma jornada de autorreflexão para compreender a raiz de minha

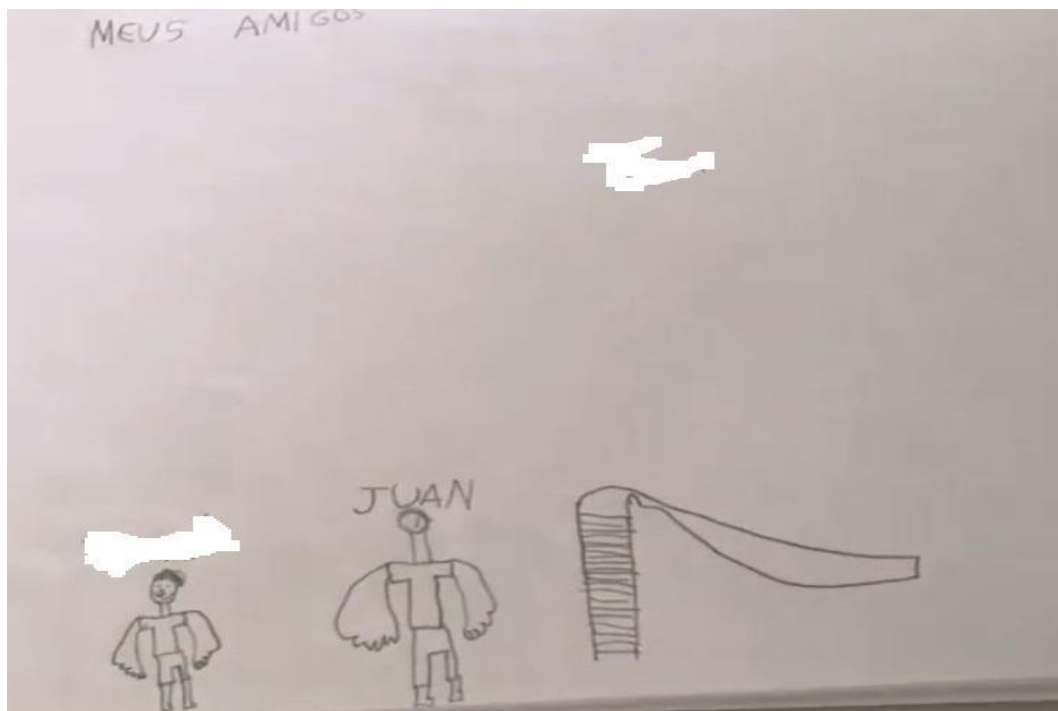
paixão pela educação e pelo ensino. Descobri que, apesar das pressões externas e das expectativas sociais, minha motivação intrínseca para trabalhar com crianças e jovens e minha crença no poder transformador da educação sempre foram as forças motrizes que impulsionaram minha escolha de carreira como professor.

Portanto, minha experiência pessoal com essas perguntas desafiadoras não apenas me levou a questionar as percepções sociais vigentes, mas também fortaleceu minha convicção na importância da educação como um campo de trabalho nobre e essencial para o desenvolvimento humano. Consequentemente, reconheço que a realização profissional não deve ser medida pelo prestígio ou pelo status associados a uma determinada profissão, mas sim pela busca sincera daquilo que nos motiva e nos traz verdadeira realização pessoal.

Sendo assim, quem são os pesquisadores responsáveis por discutir e desconstruir esses discursos socialmente enraizados em relação à presença do homem na EI?

Figura 4 – Meus amigos⁴

⁴ O nome da criança foi removido como forma de proteção de identidade da mesma. Na atividade em questão, as crianças foram instruídas a desenharem os seus amigos. Futebol desenhou ele e eu.



Fonte: Arquivo pessoal

Ao refletir sobre a importância desta imagem, sou imediatamente remetido ao início do meu estágio, quando fui apresentado à turma da educação infantil que eu acompanharia ao longo daquele ano. Um dos alunos, apelidado de "Futebol", era notoriamente tímido e apresentava dificuldades em estabelecer amizades, algo que observei nos primeiros momentos em sala de aula. Com o tempo, nosso relacionamento ultrapassou as barreiras tradicionais de professor-criança, desenvolvendo-se em uma amizade genuína. Essa proximidade facilitou sua integração no grupo, pois eu estava sempre rodeado de outras crianças. Este desenho, que retrata brincadeiras no parque, foi criado em resposta a uma atividade em que as crianças foram convidadas a desenharem seus amigos – pessoas com quem mantinham convívio e relações de amizade e confiança.

5.2 Analisando a percepção das famílias: um estudo empírico

As famílias desempenham um papel preponderante na formação das crenças e valores das crianças desde tenra idade. Portanto, compreender sua visão sobre a presença masculina na educação infantil é crucial para identificar barreiras percebidas e promover uma mudança positiva. Por meio de uma análise cuidadosa, pode-se revelar preocupações, preconceitos ou expectativas das famílias em relação ao homem pedagogo, permitindo o desenvolvimento de estratégias eficazes para melhorar a aceitação e a integração desses profissionais.

A educação infantil representa um estágio crítico no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, onde a interação com educadores desempenha um papel fundamental. Tradicionalmente, a presença de homens como pedagogos nesta fase tem sido escassa, refletindo normas de gênero arraigadas na sociedade. No entanto, a crescente conscientização sobre a importância da diversidade de gênero na educação infantil levanta a necessidade de explorar a percepção das famílias em relação ao homem pedagogo.

A investigação sobre a percepção familiar também pode proporcionar *insights* valiosos sobre os fatores que influenciam as atitudes em relação ao homem pedagogo, incluindo normas culturais, experiências pessoais e representações sociais de gênero. Ao compreender esses aspectos, é possível desenvolver intervenções sensíveis e culturalmente apropriadas para promover uma maior aceitação e valorização dos educadores masculinos na educação infantil. Além disso, conhecer a visão das famílias sobre o homem pedagogo pode contribuir para a construção de parcerias mais sólidas entre famílias e instituições educacionais. Ao envolver as famílias no processo educativo e respeitar suas perspectivas, é possível estabelecer um ambiente colaborativo que beneficie o desenvolvimento integral das crianças.

Nesse contexto, torna-se imprescindível avaliar a compreensão da perspectiva familiar em relação ao papel do homem como pedagogo na educação infantil. Essa análise se revela como uma ferramenta essencial para promover uma educação mais inclusiva, diversificada e sensível ao gênero. Por meio de uma abordagem acadêmica rigorosa e colaborativa, é possível não apenas identificar, mas também superar os preconceitos e as barreiras percebidas em relação à presença masculina nesse campo profissional.

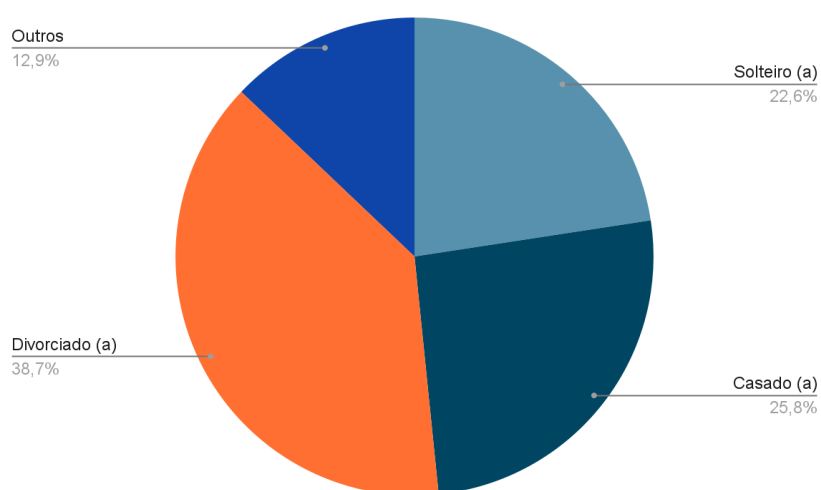
É fundamental reconhecer que a família desempenha um papel significativo na formação das crianças e na construção de suas percepções em relação aos papéis de gênero. Portanto, compreender como as famílias percebem e valorizam a presença de homens como educadores na primeira infância é crucial para promover uma mudança cultural mais ampla. Ao reconhecer e abordar as preocupações e expectativas das famílias em relação aos profissionais do sexo masculino na educação infantil, podemos criar estratégias e políticas educacionais mais eficazes.

Isso implica em garantir que os homens que escolhem seguir carreira na pedagogia infantil sejam apoiados e incentivados, e que suas contribuições únicas sejam valorizadas. Em última análise, a construção de um ambiente educacional que valorize a contribuição de todos os profissionais, independentemente de seu gênero, não só beneficia os educadores, mas

também as crianças, que se beneficiam de uma variedade de perspectivas e experiências no processo educativo.

Ao analisar o perfil das participantes, é possível observar uma diversidade de características demográficas e sociais. Tivemos respostas de homens e mulheres, além dos que responderam de forma anônima, ou seja, gênero não especificado. É interessante notar que, embora a maioria das participantes seja solteira, algumas estão em um relacionamento, seja casamento, união estável ou separação. Isso sugere uma diversidade de experiências familiares entre as participantes. Além disso, a presença de casadas e solteiras na faixa etária de 5 a 6 anos é notável e pode refletir diferentes realidades sociais e culturais.

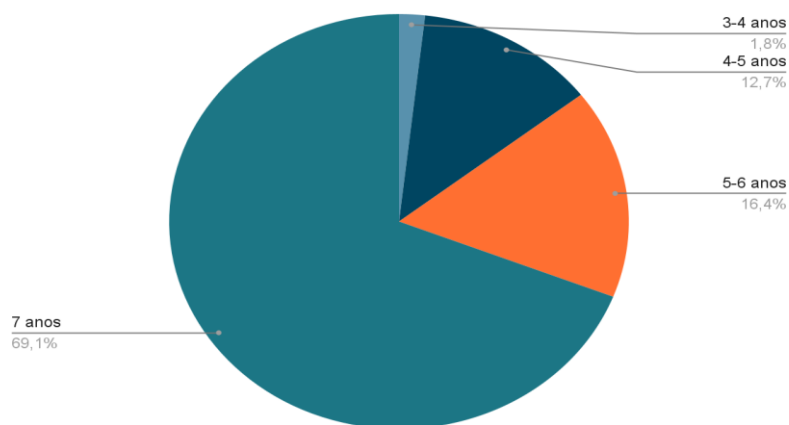
Gráfico 2 - Estado civil dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao estado civil, há uma variedade: alguns são casados (as), outros solteiros (as), em união estável ou separadas.

Gráfico 3 - Faixa etária das crianças na educação infantil



Fonte: Dados da pesquisa

A maioria das participantes têm filhos entre 5 e 6 anos de idade, com algumas exceções de 3 a 4 anos e uma de 7 anos, como aponta o gráfico acima.

Considerando a complexidade e relevância do tema relacionado à presença de homens como pedagogos na educação infantil, é de suma importância conduzir uma investigação aprofundada sobre as percepções e opiniões acerca deste assunto. Com o intuito de ampliar o entendimento e fornecer subsídios para reflexões mais aprofundadas, propõe-se a realização de um questionário que aborda a seguinte questão central: "Como você enxerga a presença de homens como pedagogos na educação infantil?".

Através deste questionário, busca-se compreender as diferentes perspectivas, crenças e atitudes em relação à participação masculina no campo da pedagogia voltada para crianças na primeira infância. As respostas obtidas serão fundamentais para identificar possíveis desafios, estereótipos de gênero arraigados na sociedade e oportunidades de promoção de uma educação mais inclusiva e diversificada. As informações coletadas por meio deste questionário não apenas contribuirão para uma compreensão mais abrangente do fenômeno em questão, mas também servirão como base para a formulação de políticas e práticas educacionais que visem a promoção da equidade de gênero e o reconhecimento da importância da diversidade de atores na educação infantil. Todas as respostas foram colocadas da forma como respondidas no questionário.

Da minha parte eu sinto que haja um receio em torno da presença masculina sobre a interação entre homens e crianças pequenas, especialmente devido a preocupações com abusos ou comportamentos inadequados. (Resposta 1)

No tocante aos abusos e comportamentos inadequados, o canal de Televisão CNN Brasil (2023), aponta que, no Brasil, 68% dos casos de violência sexual contra crianças de 0 a 9 anos são cometidos por familiares e conhecidos. Entre as vítimas de 10 a 19 anos, 58,4% dos abusos são perpetrados por pessoas próximas. Entre 2015 e 2021, foram registrados mais de 200 mil casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes no país. De acordo com a reportagem, esses números alarmantes destacam a prevalência do abuso dentro do círculo familiar das vítimas.

Ao meu ver, não vejo problema algum. O que está em questão é como nossos filhos são cuidados, se nossos filhos se sentem confortáveis. E no caso do meu filho, ele se deu e se dá muito bem com a presença do tio e isso que importa. Só relatos positivos, não só dele, mas no geral. (Resposta 2)

Acho muito importante, pois ajuda a desmistificar a estigma que a formação na área da pedagogia é para mulheres (que reforça a ideia de maternagem), ajudando com que nossas crianças saibam e naturalizem que não deve haver distinção de gênero e de papéis sociais. Faz com que nossas crianças vejam a importância da presença tanto masculina quanto feminina, fortalecendo a base da educação e com as crianças tem uma formação mais ampla enquanto sujeito. Pois a educação é o reflexo da sociedade, e para estar apto para desempenhar papéis profissionais o que deve valer é a qualificação e não o gênero, e na educação não deve ser diferente. (Resposta 3)

Vejo a atuação do profissional do sexo masculino com grande satisfação, visto que é um lugar amplamente feminino, e é importante termos o cuidado masculino no âmbito educacional da criança menor de 6 anos, até pra se mostrar a essas crianças que o homem também pode executar esse trabalho. É um cuidado, um carinho, uma atenção que o profissional dispensa aos seus alunos, e demonstra que tudo isso é pertinente ao profissional do sexo masculino. (Resposta 4)

Vianna (2002) problematiza a figura da mulher estar, há tanto tempo, interligada à questões de maternagem, uma vez que a autora aponta que o Censo Demográfico de 1920 já revelava números alarmantes: 72,5% dos professores do ensino público primário no Brasil eram mulheres, e elas representavam 65% do total de docentes em todos os níveis de ensino. Mesmo com o passar dos anos, a presença feminina no magistério se expandiu para outros níveis de ensino com a progressiva ampliação da oferta de vagas nos cursos de ensino primário.

É interessante quando o homem se dispõe a estar num lugar que socialmente é

constituído por mulheres, e mesmo assim ele se sente desafiado a interagir com essas crianças, a cumprir com o seu papel de educador, e de brincar, interagir com toda a ludicidade que o momento requer. (Resposta 5)

Enfim, creio que todos os espaços de trabalho podem e devem ser executados quer seja por homens ou por mulheres, desde que efetivamente desejem e sintam-se acolhidos e realizados naquilo que se propuseram a fazer. (Resposta 6)

As falas refletem a importância da diversidade para quebra de paradigmas, bem como a relevância de diferentes ofertas de aprendizagem para as crianças.

Não existe um lugar de trabalho definido pelas questões de gênero biológico, o que existem são afinidades pra a execução do trabalho. (Resposta 7)

Penso que seja uma participação normal, até mesmo porque se há uma visão feminina da pedagogia para as crianças, há também de se apresentar a visão masculina, é certo que pedagogia é uma ciência, porém as percepções de cada gênero são diferentes. Ademais penso também que a presença masculina, propaga a importância do profissional e descaracteriza a personificação de que só é para gênero feminino. (Resposta 8)

Como uma forma de não prosseguir com a cultura social de que só mulheres são cuidadoras na educação escolar e para tirar o estigma de homens como potenciais abusadores e pedófilos. (Resposta 9)

Essas respostas ressaltam a ideia de que, ao diversificar locais que são socialmente constituídos por um gênero específico, estamos caminhando para a diminuição de questões de gênero preestabelecidas na sociedade.

Acredito que como toda mãe nós temos receio quando ficamos sabendo que os nossos filhos vão ser cuidados por um homem na escola, não é comum de ver, embora os números estejam crescendo. (Resposta 10)

Acho raro encontrar homens na educação infantil, pouquíssimas vezes eu vi. Porém, não penso ter qualquer tipo de problema, desde que sejam profissionais competentes e cuidadosos com as crianças. (Resposta 11)

Também é comum a visão de escassez entre os participantes da pesquisa.

Acho interessante pois muda a visão das crianças de apenas ser mulheres e fora que os meninos se sentem representados também. (Resposta 12)

Enxergo de maneira positiva, uma vez que é importante que as crianças desde cedo visualizem que os espaços que ocupamos socialmente não são, e não devem ser determinadas pelo gênero da pessoa e, no caso do educador, por sua qualificação e afinidade com esse espaço. Considero importante que haja a presença masculina nas salas de aula, inclusive para criação de vínculos e nas contribuições que pode trazer na socialização das crianças. (Resposta 13)

De forma natural e tranquila. (Resposta 14)

Considero de extrema importância os homens inseridos em espaços com crianças para transformar essa sociedade tão patriarcal e preconceituosa. (Resposta 15)

Acho que existe uma insegurança muito grande por parte das escolas, por parte das famílias em ver o professor infantil do sexo masculino. Eu acho muito bacana, já tive professor homem quando era criança e achava o máximo, pois eles eram engraçados e super legais. Acho que existe muito preconceito acerca desse tema, e as escolas acabam optando pela não contratação. (Resposta 16)

As respostas fornecidas apresentam uma variedade de perspectivas sobre a presença de homens na educação infantil, permeadas em uma reflexão já existente.

Escassa, porém, necessária. Quanto mais pedagogos e pedagogas preparados para a educação infantil, melhor. (Resposta 17)

Normal. Exercem suas funções iguais as mulheres. Agora na função de cuidar das meninas no intuito de levar ao banheiro ou trocar roupas seria mais interessante que fosse mulheres. (Resposta 18)

É uma presença fundamental na pedagogia. (Resposta 19)

São raros de serem encontrados desempenhando esse papel, pelo menos para mim. Tenho 3 filhos de idades de 25, 14 e 5 anos. E durante minha jornada de mãe, meus filhos só tiveram mulheres como professoras, na educação infantil. Mas não vejo nem um problema, com tanto que o profissional tenha boas recomendações e trato para lidar com os pequenos, pq não é tarefa fácil e homens muitas vezes não têm a mesma desenvoltura que uma mulher em determinadas situações. (Resposta 20)

De forma geral, alguns pontos são necessários de serem tratados a partir da análise dos discursos – pontos que tento reforçar ao longo do estudo.

Preocupações e Receios: Alguns respondentes expressam preocupações sobre a

presença masculina na educação infantil, mencionando receios sobre abusos ou comportamentos inadequados. Essas preocupações podem refletir estereótipos de gênero, como discutido no texto, e necessitam ser abordadas com treinamento adequado e políticas de proteção infantil.

A Importância da Representatividade: Muitas respostas destacam a importância da representatividade masculina na educação infantil para desafiar estereótipos de gênero e proporcionar modelos positivos para as crianças, especialmente para os meninos. Isso é visto como uma forma de ampliar as percepções das crianças sobre os papéis de gênero na sociedade.

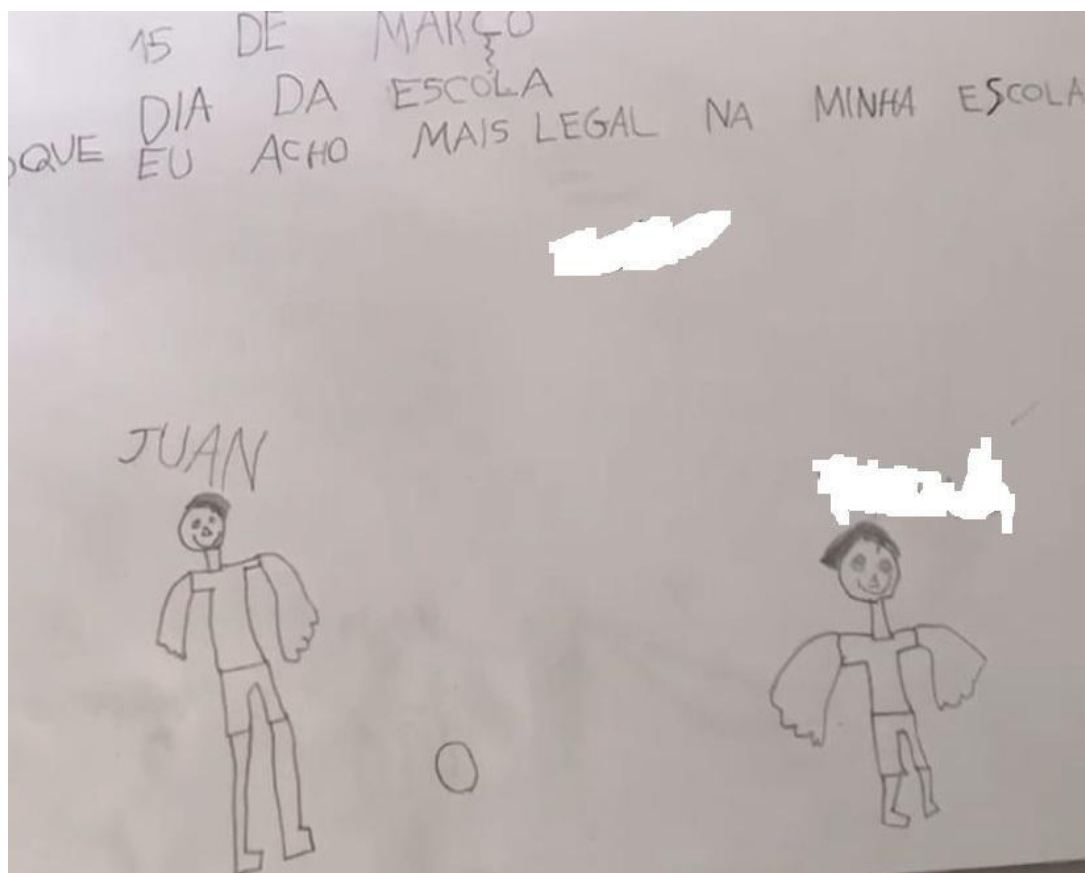
A Questão da Competência e Qualificação: Vários respondentes enfatizam que a competência e a qualificação do profissional são mais importantes do que o seu gênero. No entanto, alguns mencionam que homens podem não ter a mesma desenvoltura que mulheres em certas situações, o que indica a persistência de estereótipos sobre habilidades de cuidado.

Desafios e Preconceitos: Alguns respondentes mencionam desafios e preconceitos enfrentados pelos homens na educação infantil, tanto por parte das famílias quanto das próprias escolas. Isso pode influenciar a baixa representação masculina nesse campo e requer esforços para promover a diversidade de gênero.

Além disso, os respondentes alertam à necessidade de *maior participação masculina*, alguns respondentes destacam a importância da presença masculina na pedagogia como uma forma de desafiar normas patriarcais e preconceitos de gênero na sociedade. Isso ressalta a necessidade de aumentar a participação e aceitação dos homens nesse campo.

Em suma, as respostas refletem uma variedade de atitudes em relação à presença de homens na educação infantil, desde preocupações legítimas até reconhecimento da importância da representatividade e enfrentamento de estereótipos de gênero. Essa diversidade de perspectivas destaca a complexidade desse assunto e a necessidade de abordagens inclusivas e conscientes para promover uma educação infantil mais equitativa e diversificada.

Figura 5 – “O que eu acho mais legal na minha escola?”⁵



Fonte: Arquivo pessoal

Ao ser questionado sobre o que achava mais legal na escola, Futebol desenhou, novamente, o momento em que jogávamos bola no parque. Em toda a rotina que ele vivia na escola, para ele, o momento mais legal era estar brincando com o tio Juan.

⁵ O nome da criança foi removido como forma de proteção de identidade da mesma. A partir da pergunta “O que eu acho mais legal na minha escola?” Futebol desenhou ele e eu, e explicou que seus momentos favoritos na escola aconteciam no parque, com o tio Juan, em momentos de brincadeira e interação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, tentei explorar o papel crucial do homem na educação infantil, desvelando sua relevância como agente transformador em um ambiente historicamente caracterizado pela predominância feminina (Censo escolar da Educação Básica, 2020). Inicialmente, foi situado o contexto educacional contemporâneo, onde a presença masculina ainda é escassa, especialmente na Educação Infantil. Este cenário suscita reflexões sobre os estereótipos de gênero arraigados na sociedade, que influenciam as percepções e expectativas em relação ao papel do homem como educador na primeira infância.

A partir das reflexões expostas, foi evidenciado os benefícios da diversidade de gênero no contexto educacional, destacando a importância da presença masculina para proporcionar modelos diversos de identificação e promover o desenvolvimento integral das crianças. Observamos que a ausência de homens na educação infantil pode perpetuar estereótipos de gênero e limitar as oportunidades de aprendizagem e socialização das crianças, especialmente daqueles que carecem de figuras masculinas em suas vidas. Além disso, discutimos os desafios enfrentados pelos homens que optam por seguir carreira na pedagogia infantil, incluindo estigmas sociais, preconceitos e barreiras institucionais.

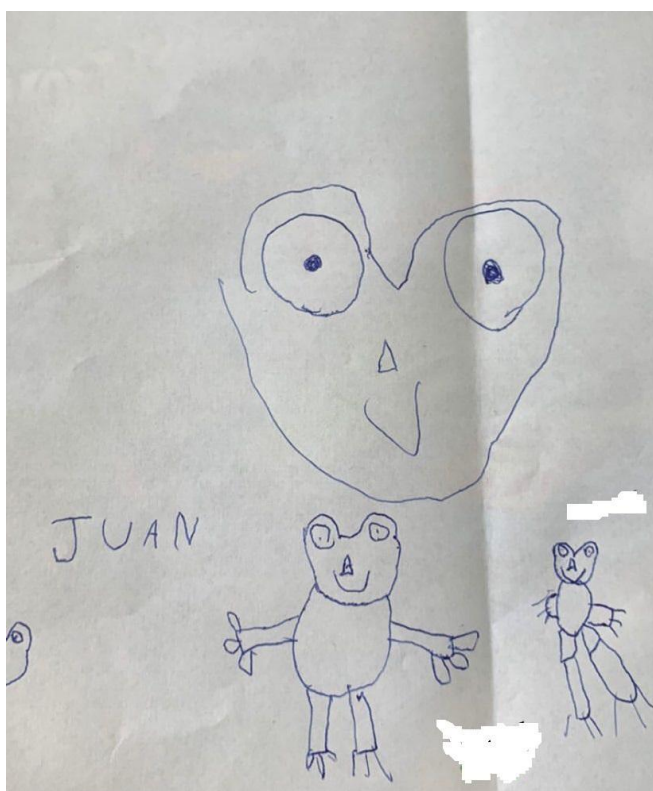
Identificamos a necessidade de políticas e práticas inclusivas que apoiem e incentivem a participação masculina na Educação Infantil, reconhecendo e valorizando suas contribuições únicas para o desenvolvimento das crianças e para a construção de um ambiente educacional mais equitativo e diversificado. Ao examinarmos estudos de casos e experiências práticas, constatamos que a presença de homens como educadores na educação infantil pode promover relações mais igualitárias de gênero, desafiar estereótipos e ampliar as possibilidades de desenvolvimento das crianças. Observamos também o impacto positivo que a presença masculina pode ter no engajamento dos pais e na construção de parcerias mais sólidas entre a escola e a comunidade.

Acredito no poder transformador da educação e no papel fundamental que os homens pedagogos desempenham na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Como futuro educador, almejo contribuir para a promoção de ambientes educacionais que valorizem a diversidade e o respeito às diferenças.

Por fim, enfatizo a importância de uma abordagem holística e multidisciplinar para abordar a questão da presença masculina na educação infantil, reconhecendo que a promoção

da equidade de gênero requer esforços colaborativos de todos os setores da sociedade. Instamos as instituições educacionais, os formuladores de políticas, os profissionais da educação e a sociedade em geral a trabalharem juntos para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde homens e mulheres possam contribuir plenamente para o desenvolvimento e bem-estar das crianças desde a mais tenra idade. Em suma, este trabalho oferece uma análise aprofundada sobre a importância do homem na educação infantil, destacando sua contribuição única para a construção de um futuro mais igualitário e promissor para as gerações vindouras. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de gênero no contexto educacional, podemos abrir caminho para uma sociedade mais justa, inclusiva e compassiva para todos.

Figura 6 – Afeto⁶



Fonte: Arquivo pessoal

Em um desenho imaginário e sem mediação, a criança desenhou nós dois, em um universo paralelo, como sapos.

⁶ O nome da criança foi removido como forma de proteção de identidade da mesma. Um dos milhares de desenhos recebidos no dia a dia. Dessa vez o tio Juan virou um sapo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica** – Brasília: MEC, SEB, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores. 1998, Anais.. São Paulo: FEUSP, 1998. Acesso em: 2 nov. 2023.

Censo escolar da Educação Básica / 2020. Resumo técnico. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf> Acesso em: 02 de dezembro de 2022.

DURKHEIM. E. Educação e sociologia. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

Famíliares e conhecidos são responsáveis por 68% dos casos de violência sexual contra crianças no Brasil, diz Saúde. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/familiares-e-conhecidos-sao-responsaveis-por-68-dos-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-no-brasil-diz-saude/#:~:text=00%201.0x-,Familiares%20e%20conhecidos%20s%C3%A3o%20respons%C3%A1veis%20por%2068%25%20dos%20casos%20de,sexual%20contra%20crian%C3%A7as%20e%20adolescentes.>>> Acesso em: 12 de março de 2024.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. (2000). In: XAVIER FILHA, C. (Org.). Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 277-293.

MARCONI, M; A; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. - 7. ed. - 7. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2012.

MOROSINI, Marília Costa et al. A Evasão na Educação Superior no Brasil: uma análise da produção de conhecimento nos periódicos Qualis entre 2000-2011. Porto Alegre/RS – Brasil. Faculdade de Educação – FACED. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. 10 f. p. 1-10. 2011.

O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/IMPACTO_DESENVOLVIMENTO_PRIMEIRA%20INFANCIA_SOBRE_A_PRENDIZAGEM.pdf> Acesso em: 6 de novembro de 2022.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>. Acesso em: 26 maio. 2024.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAneroJoão%20Scott.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

SILVA, O. H. F.; SOARES, A. DE S. Educação infantil no Brasil: história e desafios contemporâneos. **Argumentos Pró-Educação**, v. 2, n. 5, 29 ago. 2017.

SILVA, Peterson Rigato da. Não sou tio, nem pai, sou professor!: a docência masculina na educação infantil . 2014. 222 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623818>. Acesso em: 14 jan. 2024.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. Cad. Pagu [online]. 2002, n.17-18, p. 81-103. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 de novembro de 2022.